



autores convidados

Gabriela Greeb e Vasco Pimentel estarão na primeira mesa da Flip 2018



A mesa literária que abre a Flip 2018 na manhã de quinta-feira (26.07) terá a própria Hilda Hilst em suas gravações feitas na Casa do Sol, em fins da década de 1970.

Notícias

Para isso, a mesa reunirá Gabriela Greeb, cineasta que acaba de concluir *Hilda Hilst pede contato*, longa metragem sobre a Autora Homenageada que combina os universos do documentário, da ficção e da literatura. Ao seu lado, estará o seu sound designer no projeto, o português Vasco Pimentel, que fez filmes com Wim Wenders, Manoel de Oliveira, Raul Ruiz e, mais recentemente, Daniela Thomas, em *Vazante*.

“A idéia é irradiar a Hilda Hilst para abrir os trabalhos na quinta-feira”, diz Joselia Aguiar, curadora da Flip 2018. “Será uma mesa num formato diferente, além de ouvir a fala da Autora Homenageada e os ruídos que ela captou por tantos anos, vamos conhecer por meio da pesquisa imensa da Gabriela Greeb, várias nuances da personalidade, do dia-a-dia e do universo ficcional da Hilda Hilst”.

O filme e o livro

Em uma visita à Casa do Sol, Gabriela Greeb tomou conhecimento das fitas com mais de 100 horas de áudios que registraram as experiências de Hilda Hilst, as quais consistiam em tentar captar vozes do além – uma transcomunicação instrumental com pessoas mortas. Algo que, segundo Greeb, metaforiza sua busca por leitores.

“Eram experiências científicas, ela queria provar a imortalidade da alma, não se conformava com a finitude, a morte é um dos grandes temas de sua





Trajetórias

Gabriela Greeb (São Paulo –1966) é autora de filmes de ficção, documentários e vídeo instalações. Formada em filosofia, mudou-se para a Europa em 1989 e entrou em contato com o universo cinematográfico. Em 2000, retornou ao Brasil e fundou a produtora HOMEMADEFILMS. A cineasta lançou, em 2005, o longa-metragem documental *A mochila do mascate*, sobre o diretor e cenógrafo de teatro Gianni Ratto, que conta com depoimento de Fernanda Montenegro, entre outros nomes. A obra foi finalista do prêmio de público da Mostra Internacional de Cinema.

Vasco Pimentel (Lisboa –1957) é diretor de som com estudos musicais pelo Conservatório Nacional de Lisboa e formação em cinema pela Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. Em atividade desde 1979, trabalhou em mais de 140 filmes de longa-metragem – entre eles *O Céu de Lisboa*, de Win Wenders; *Aquele Querido Mês de Agosto*, de Miguel Gomes; e *Vazante*, de Daniela Thomas. Ministrou aulas e workshops em instituições como a Universidade Nova de Lisboa, a London FilmSchool e a Cineteca de Madri. É colaborador regular do prestigiado Teatro da Cornucópia.

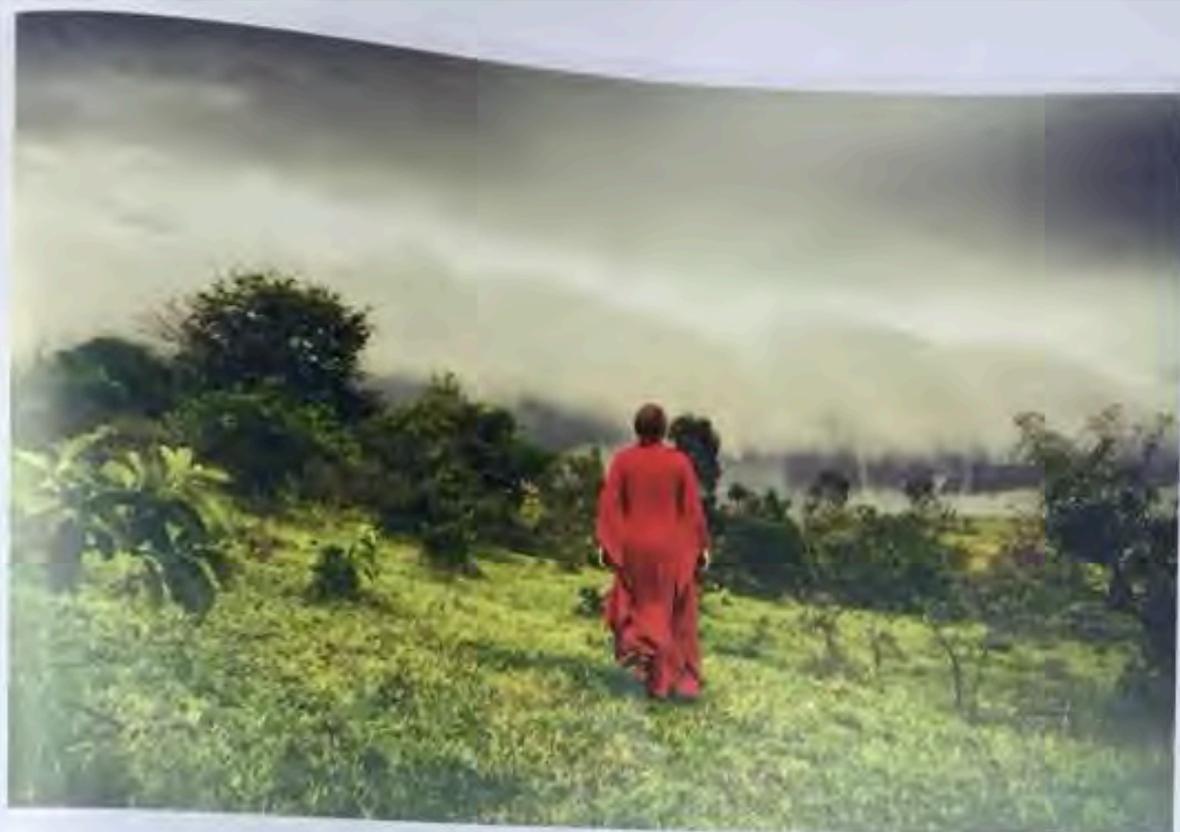
Flip 2018

A 16ª Flip, que acontece de 25 a 29 de julho, tem curadoria de Joselia Aguiar e Hilda Hilst como Autora Homenageada. Estão confirmados os nomes de Fernanda Montenegro e Jocy de Oliveira para a sessão de abertura e de André Aciman, Leila Slimani, Isabela Figueiredo, Alain Mabanckou e Maria Teresa Horta.

Quem faz a Flip

A Flip tem o patrocínio do Ministério da Cultura por meio de leis de incentivo e apoio da EDP. A edição 2018 está em fase de captação.





Luciana Domschke
interpreta Hilda Hilst, no
filme de Gabriela Greb

TRANSCENDÊNCIA DE GÊNEROS NO CINEMA

O projeto *Hilda Hilst Pede Contato*, de Gabriela Greb, atravessa tantas fronteiras quanto gêneros literários foram transpostos pela obra de Hilst. É documentário, ficção, filme de arte, instalação e livro. Com previsão de estreia em festivais nacionais e internacionais em 2018, propõe um viés original e insuspeito de leitura da prosa, da poesia e da vida de Hilst, a partir do fascínio que a escritora nutria pela morte. "Hilda não só transgride gêneros como também transcende a própria vida", diz Greb à **seLect**. A voz de Hilda Hilst em gravações realizadas entre 1974 e 1979, em busca de contato com o além, é o fio condutor do projeto, que acaba por se oferecer como um canal de comunicação, tão almejado pela escritora. **PA**

nem mesmo sequer uma criação que buscasse a identificação do leitor consigo enquanto mulher. Aliás, Hilda nunca levantou bandeiras, nunca participou de movimentos sociais, não expôs de forma alguma reivindicações. Se é verdade que ela era adepta de uma espécie de humanismo essencial, e sentia como que na própria carne as injustiças globais, a fome das crianças, a Guerra do Vietnã, por personalidade e uma contravenção essencial, nunca foi capaz de se filiar a movimento nenhum. Entretanto, sua conduta disruptiva, que afirmava no dia a dia das suas relações uma forma de ser, é, em si, uma bandeira.

Descompasso entre discurso e ação? Talvez, se olharmos com nossos olhos de século 21. Mas a força desse binômio vida/obra em Hilda Hilst é inegável: no seu feminismo torto, ela não reivindicava exatamente um lugar para as mulheres, mas exigia com muita veemência um lugar para ela, Hilda, entre os espaços tradicionalmente masculinos. Hilda Hilst não é "representante de uma geração", do mesmo modo como não pode ser considerada matriz de nenhum movimento poético ou literário. Se sua literatura ganha cada vez mais espaço, e é importante discuti-la, é interessante lê-la como indissociável da vida, e havemos de buscar em sua obra pistas não exatamente para "desvendar um enigma", mas para lê-la, compreendê-la e dar-lhe os leitores que ela buscou durante toda a vida. ■



josé castello

A LITERATURA NA POLTRONA

HILDA HILST PEDE CONTATO

Chega-me pelo correio, enfim, meu exemplar de **Hilda Hilst pede contato**, livro da Sesi-SP

Editora que traz o roteiro completo e farto material iconográfico do filme homônimo, de Gabriela Greb. Um espantoso e surpreendente documentário de ficção sobre a autora de **A obscena senhora D** — provavelmente o livro mais conhecido de Hilda, lançado em 1982 pela editora Massao Ohno.

O livro mistura cenas reais da vida na Casa do Sol, na periferia de Campinas, para onde ela se mudou em 1964 e viveu até falecer, em 2004, com imagens arrebatadoras, depoimentos emocionados de amigos, leitura de textos de Hilda. Ele traz ainda a voz atordoante da escritora, gravada nas fitas magnéticas com que ela, a partir de 1974, procurou fazer contato com os mortos.

“Eu queria continuar pedindo, hoje por ser uma noite especial, que fizessem o possível para contatar hoje, para vir perto do gravador, do transmissor do espaço, que houvesse um esforço da parte de vocês da outra dimensão”, a voz de Hilda se desenrola, já em tom insistente, que bordejando o desespero. A sonoridade de sua voz é, em si, assombrosa, e é sempre do assombro, da surpresa, do temor que trata todo o filme de Gabriela.

“Alô, alô povo cósmico, rede telefonia, Hilda procurando contato. Hilda procurando contato”, a voz insiste, incorporada com perfeição pela atriz Luciana Domschke. “Contato, contato”, ela insistirá durante todo o filme, nos arrastando para o interior de uma busca aflitiva, mas incontrolável. “Tem alguém aí?” — Hilda pergunta mais uma vez. Não espera pouco do Além. “Querida falar com Franz Kafka, Camus, Nikos, com esses amadíssimos, os mais amados”, nomeia, como se conversasse com uma telefonista de hotel.

Hilda Hilst segue, todo o tempo, as teorias e os métodos de **Telefone para o além**, livro que o sueco Friedrich Jurgenson publicou em 1964 e que ela estudou com abnegação. Chegava a dizer que a busca de contato com os mortos era mais importante, para ela, do que a própria literatura. Era mais verdadeira e real. Reforçavam suas teses as conversas que tinha com os físicos e amigos César Lattes e Mário Schenberg. Falavam da relatividade e do Tempo. A partir delas, Hilda embaralha-

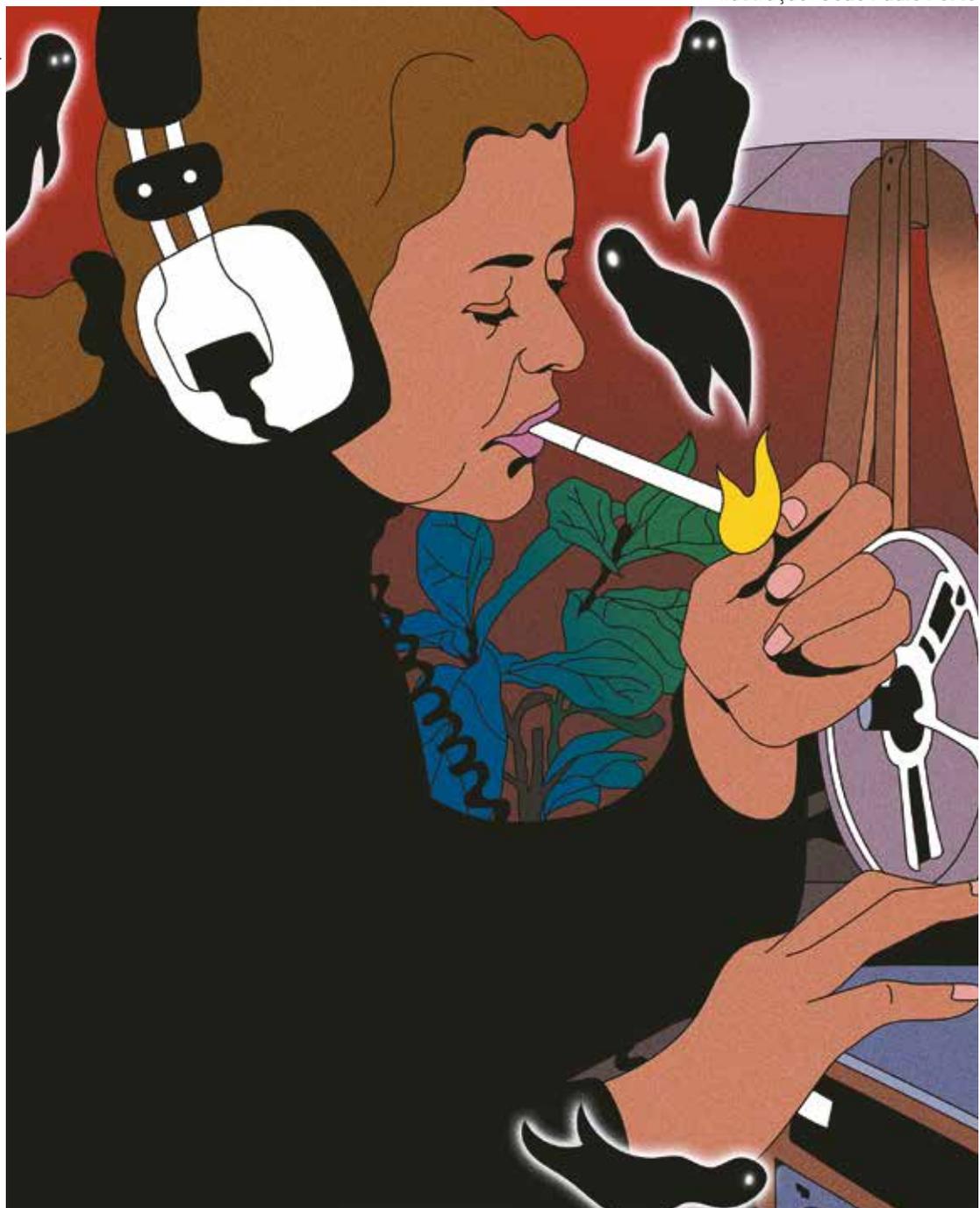


Ilustração: **João Paulo Porto**

va o passado, o presente e o futuro. Desse modo, sedimentava seu caminho imaginário, mas persistente, para além da morte.

Desde que se isolou na Casa do Sol, as teorias de Jurgenson atormentavam. Decidiu abandonar a vida glamourosa que tinha em São Paulo depois da leitura de **Carta a El Greco**, último e mais enigmático livro do escritor grego Nikos Kazantzakis, nascido e enterrado na ilha de Creta. Outra de suas grandes influências. Sozinha em sua chácara, passou a buscar contato com Clarice Lispector, com a atriz Cacilda Becker e com o historiador e crítico de cinema Paulo Emílio Sales Gomes — seus interlocutores imaginários mais comuns. “Contato, contato”, insistia sem nunca desistir, mas só recebia de volta o silêncio. Um silêncio pesado, fechado como uma porta bem trancada, impossível de ultrapassar.

O filme de Gabriela Greb é belo e perturbador. São muitos os momentos sublimes. “Uma coisa estranha eu ouvi muito longe, uma música... parece o vento”, Hilda diz em certo momento de desânimo e agonia. Mas insiste com perguntas específicas a seus convidados do Além. “Eu gostaria de saber como Clarice Lispector está se sentindo aí. Clarice, é Hilda Hilst, como você está se sentindo?” Em certo momento, ainda mais específica, ela insiste: “Clarice, nenhum recado para o José Mora Fuentes”? Referia-se ao ar-

tista plástico espanhol José Luis Mora Fuentes, nascido em Valência e que viria a falecer em 2009. Um de seus mais próximos amigos. São dele as capas de alguns dos livros de Hilda, editados pela Massao Ohno, como **Tu não te moves de ti**, desconcertante ficção lançada em 1980.

Hilda Hilst foi uma mulher em quem as influências se alimentavam e se interpenetravam. Foi muito influenciada, também, pela leitura de **A negação da morte**, ensaio famoso — dizem que era o livro de cabeceira do presidente Clinton — que o psicólogo e filósofo Ernst Becker publicou no ano de 1973. Becker foi um estudioso da busca humana pela imortalidade. Não que nela acreditasse. Ao contrário, Becker via nessa obsessão pelo Além um fator determinante nas doenças psíquicas que, em muitos casos, surgiam apenas para encobri-la.

Em dado momento do filme de Gabriela, Hilda chama também por Victor Tausk, o jovem neurologista que estudou com Freud. Tausk — como tudo o que interessava a Hilda — foi um pensador polêmico. É dele a controversa teoria da “Máquina de Influenciar”. De acordo com suas explicações, uma máquina operada por pessoas distantes, talvez alienígenas, influencia os pacientes, produzindo alucinações. Máquina porque trabalha, todo o tempo, com sensações elétricas e magnéticas. Morto em 1919,

aos 40 anos, Tausk é um pensador forte na formação de Hilda. “Contato, contato”, ela chama, nele pensando. Minuciosa, chega a dizer: “Você não quer falar comigo, Tausk? Meu nome é Hilda Hilst”. E depois, na tentativa de desfazer algum mal-entendido: “Alguém conhece o Victor Tausk? Foi discípulo de Freud”, mas o silêncio permanece.

Pelo filme circulam, contraditariamente, prestam depoimentos e fazem leituras grandes amigos de Hilda, como o escultor Dante Casarini — com quem ela chegou a ser casada —, a renomada crítica literária Eliane Robert Moraes e o escritor Leandro Carlos Esteves. É Esteves quem nos traz a mais precisa definição da voz de Hilda — timbre que, depois de assistir ao filme, continua a nos atordoar por um longo tempo. “Ela tem um tom de cinzel”, ele compara, “Um cinzel esculpindo”. Mais uma vez, a arte não poderia deixar de estar presente.

Aos poucos, diante do silêncio extenuante que recebe sempre em troca, Hilda começa a se irritar. Chega a dizer, em tom áspero, de reclamação: “Eu quero ajudar as pessoas do medo que as pessoas têm da morte.... Assim não vai dar, vocês não falam comigo”. Impotente, resta-lhe aceitar, quase furiosa, o silêncio. Ele o empurra de volta para seus próprios livros nos quais as palavras, de tão vibrantes e agudas, se parecem com espadas. **U**



Hilda extemporânea

“Hilda Hilst Pede Contato”, de Gabriela Greeb, dá visualidade à poesia e abre um canal de comunicação entre a escritora e seu público

“HILDA HILST PEDE CONTATO”/ Direção Gabriela Greeb/ longa-metragem, 73 min, 2018/ em circuito nacional a partir de 2/8

Hilda Hilst escreveu vasta obra, composta por prosa, poesia e dramaturgia. Mas foi pouco lida – ou correspondida – em vida. Habitou-se a se movimentar nas entrelinhas. Usou o ruído branco dos aparelhos de comunicação como um território de linguagem. No chiado emitido entre as estações de rádio, criou sua “rede telefonia” para entrar em contato com amigos e ídolos mortos. Clarice Lispector, Lupe Cotrim, Franz Kafka, Albert Camus. Mas não restringiu esse meio de comunicação para aceder ao invisível e ao inaudível. Mesmo que o primeiro intuito das gravações noturnas em seu “aparelho cósmico” fosse falar com o absurdo, exercitou ali a poesia, deixando nas fitas magnéticas as marcas de seus pensamentos e versos.

Gabriela Greeb é sensível ao texto sutil de Hilda Hilst. Atendeu ao chamado (que veio por email, em novembro de 2007, com o convite de José Luis Mora

Fuentes para criar um filme sobre a escritora e sua Casa do Sol) e fez um filme em que grande parte do discurso acontece nas entrelinhas do roteiro. Com isso, a diretora revela com delicadeza e tenacidade que o texto escondido nas fitas magnéticas – encontradas em uma caixa debaixo da cama da escritora – contém toda a sua potência poética. Declara isto nas primeiras sequências do filme. “Hilda Hilst Pede Contato” começa com o galope de um cavalo (“Vi as éguas da noite galopando entre as vinhas e buscando meus sonhos”, escreveu HH em “Da Noite”, 1992). O galope leva às portas da Casa do Sol, aos seus cães e ao jardim, atravessado por linhas magnéticas cortando o quadro do filme.

A voz de Hilda, extraída de 100 horas de fitas gravadas, é o fio condutor do filme. Os trechos selecionados são colados à boca da atriz Luciana Domschke, que interpreta magistralmente a escritora. Na mesa Performance Sonora, na quinta, dia 26, na Flip (Festa Literária Internacional de Paraty), Gabriela Greeb disse que fez um filme em primeira pessoa para que a escritora pudesse falar

ALÔ, ALÉM Hilda Hilst (Luciana Domschke) se comunica com os mortos

por ela mesma. “O filme é uma rede telefonia para ela fazer contato”, disse a cineasta, autora de “A Mochila do Mascate” (2006), documentário sobre Gianni Ratto. Assim se explica tudo: se em vida Hilda buscou, com pouco sucesso, o contato com o outro lado e com seus leitores, agora o filme lhe é oferecido como um canal de comunicação com os vivos. Coincidência ou não – entre tantas que permearam o trabalho –, o filme ficou pronto após um périplo de dez anos, em que foi recusado em dezenas de editais, justamente no momento em que a escritora é “acordada”, homenageada na Flip e consagrada como a autora mais vendida do evento.

Mas o trabalho de Gabriela faz outras conquistas importantes além de ser um projeto certo na hora certa. Se Hilda Hilst juntou putaria com metafísica, Greeb mostra que ficção e realidade também são feitas da mesma matéria. Isto é dito no entrelaçamento suave que roteiro e edição (a cargo de Karen Harley) fazem entre os depoimentos dos entrevistados, as reencenações das tentativas de contato com os mortos e a interpretação das obras literárias “Kadosh”, “O Caderno Rosa de Lori Lamby”, “O Oco”, “A Obscena Senhora D” e “Matamoros” – esta última vivida pela artista visual Virgínia de Medeiros.

Outro trunfo é a desconstrução da típica divisão entrevistador/entrevistado dos documentários e a convocação dos participantes do filme a uma espécie de ato ritualístico. Depois das entrevistas – concedidas dentro de um carro que os transportou de São Paulo à Casa do Sol, em Campinas – todos se reúnem em volta da mesa da casa (hoje Instituto Hilda Hilst), comem, bebem, riem e dormem. “O filme é um ato xamânico”, endossou Vasco Pimentel, autor da mixagem e do impecável desenho sonoro do filme, em palestra na Flip.

A morte, assim como o amor e o erotismo, é o grande tema da poeta. Em 1979, quando encerra suas experiências de contato, ela dedica todo um livro ao tema. “Da Morte. Odes Mínimas” tem vários trechos declamados na película. Mas o grande tema do filme é o tempo. Ou melhor, a extemporaneidade. Fora de seu tempo, desajustada e intempéstiva, Hilda Hilst retorna agora à vida. ■

ESTANTE

De cor vermelha

“HILDA HILST PEDE CONTATO”/ SESI-SP EDITORA/ 240 págs./ R\$ 110/ 2018

Completa a experiência generosa criada por Gabriela Greeb “Hilda Hilst Pede Contato”, o livro. Ele fornece, entre outras joias, acesso via QR-Code aos áudios das gravações do povo cósmico, entre elas a sessão em que Hilda e Lygia Fagundes Telles declamam poemas de Lupe Cotrim Garaude, tentando contato com Paulo Emílio Salles Gomes.

O livro, com concepção editorial de Greeb e Artur Lescher, confere uma dimensão espaço-temporal-sensorial ao projeto. É a sua cartografia, composta por storyboard e stills do filme, transcrições e áudios das entrevistas completas, as experiências de registro das vozes do além, o fac-símile de um caderno de HH e o diário da diretora, intitulado “Rútilos” (palavra frequente do léxico hilstiano: aquilo que resplandece, brilha intensamente, cintila, faísca. Ou ainda, de cor vermelha, cujo brilho é avermelhado). O diário traz a narrativa dos 45 “contatos” que Gabriela teve com o universo da autora nos dez anos de processo de elaboração do longa. A publicação abarca, portanto, uma dimensão pessoal, que a diretora sabiamente deixou fora do filme, embora este seja portador de uma linguagem intransferível.

Talvez a única ausência que se poderia lamentar seja o acesso aos áudios do “Jardim das Vozes”, a cena em que os convidados do ritual mnemônico promovido na Casa do Sol perambulam pelo jardim lendo poemas em voz alta, com suas vozes sobrepostas umas às outras, criando um vasto e único ruído branco (o canal eletromagnético em que dão-se as comunicações cósmicas). Assim, por todas as suas qualidades, este é certamente um livro-antena. **PA**



FAÍSCAS Livro traz stills e áudios de Hilda Hilst (abaixo, em retrato de 1959): cartografia



Cinema

COTAÇÕES

● PÉSSIMO
★ RUIM
★★ REGULAR
★★★ BOM
★★★★ MUITO BOM

HILDA HILST PEDE CONTATO ★★★★★

Os mortos de todos nós

A diretora Gabriela Greeb e a distribuidora Imovision são muito corajosos: bancaram uma ideia muito particular de homenagear a grande escritora e poeta Hilda Hilst através de um filme que flerta abertamente com o experimentalismo, une linguagem documental e ficcional para adentrar em uma lasca do mundo da mesma e saem com um filme arriscado, que faz poucas concessões e não tem medo de errar na ânsia de trazer uma visão fora dos padrões em matéria de biografia.

A realizadora tem sua própria Hilda na atriz Luciana Domschek, que corporifica a escritora e é dublada por ela. Através de fitas que a própria deixou, de suas solitárias incursões na Casa do Sol em tentativas de se comunicar com o plano astral e obter contato com os amigos escritores já falecidos, essa voz é inserida na interpretação de Luciana, que entrega um impressionante trabalho de mímica, com resultados emocionantes. Aos poucos, o filme mergulha



Fotos de divulgação

A atriz Luciana Domschek corporifica a escritora e é dublada por ela

nas questões cada vez mais introspectivas da escritora, com a ajuda de mais uma fotografia espetacular de Rui Poças (de “As boas maneiras” e “Zama”).

A parte documental reúne um grupo de amigos da escritora para debater sua personalidade e discorrer sobre passagens deles com ela, sempre calorosos. Todas essas possibilidades reunidas criam um programa único no circuito atualmente, um projeto que vai além da coragem em sua estrutura para homenagear uma das maiores escritoras brasileiras do século passado em um momento extremamente solitário, clamando por ouvir e ser ouvida, onde Gabriela acaba refletindo também em seu dispositivo a ‘solidão acompanhada’ que a sociedade zumbificada vive hoje.

‘Vocês mortos, vivem?’, pergunta Hilda para o espectador estático a sua frente na tela do cinema, arrepiando, sensibilizando e até fazendo rir com esse longa surpreendente. (F.C.)

O NOME DA MORTE ★★★

Retrato matador

O jornalista e crítico americano H.L. Mencken observou uma vez que, para todo problema complexo, existe sempre uma solução simples e completamente errada. O autor percebia a preguiça da humanidade em entender origem e consequências para chegar a um resultado justo. Em “O nome da morte”, de Henrique Goldman, uma solução simples e familiar, na busca de um futuro melhor para o filho, resulta na formação de um dos maiores matadores da história do país.

Livremente inspirado no livro do jornalista Klester Cavalcanti, o roteiro assinado por Goldman e George Moura revela a contradição de Julio Santana (Marco Pigossi). Religioso, ele é levado para a cidade pelo tio, um pistoleiro (o ótimo André Mattos). A história, inspirada em fatos reais, revela o aprendizado e anos de matança. No período, Julio

Mattos e Pigossi representam mestre e aprendiz do mal



conheceu a esposa (Fabiula Nascimento) e teve um filho, que não sabiam dos crimes. Julio confessou 492 assassinatos.

Com cenas de ação ousadas, incluindo um plano-sequência eficiente, a di-

reção acerta nos momentos do Julio criminoso. A construção do lado família não é tão convincente e poderia ser dramaticamente mais interessante, considerando a vida dupla.

O filme revela a face da impunidade, em um país onde matar é gesto natural e a solução simples e errada, na ponta da pistola, transforma a todos em alvos. (A.R.)

SEGUNDO CADERNO

SÁBADO 21.7.2018
oglobo.com.br

Alô, alô povo cósmico, rede telefonia, Hilda procurando contato. Dia 24 de setembro de 1978. Hilda procura contato com o absurdo

HILDA ALÉM

Visto com desconfiança e estigmatizado, lado ‘místico’ da escritora, que buscava contato com espíritos, era fiel à numerologia e dizia ver discos voadores, promete ser reabilitado na 16ª Flip. Homenageada da festa, de quarta a domingo, a autora paulista ainda é um enigma a ser decifrado, como se vê aqui e nas próximas páginas

BOLÍVAR TORRES
bolivar.correa@oglobo.com.br

Entre 1974 e 1979, Hilda Hilst entrou em linha direta com aquilo que definia como “povo cósmico”. Munida de um gravador, registrava chiados entre as estações de rádio. No chamado “ruído branco”, acreditava ouvir mensagens de amigos, parentes e escritores que se foram. “Hilda procura contato com o absurdo...”, dizia, sozinha, em voz alta. Às vezes, chamava por seus mortos favoritos: “Kafka, você está me ouvindo? Não deve ser fácil aí do outro lado”. Em outras, buscava desvendar mistérios da época, como a morte do jornalista Vladimir Herzog: “Será que seria assim deselegante, seria terrível se eu te perguntasse se mataram você ou se você suicidou-se?”

Visto muitas vezes com desconfiança e estigmatizado, esse lado misterioso da escritora paulista, que falava com espíritos, dizia ver discos voadores e se guiava pela numerologia, promete ser reabilitado na 16ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), de quarta-feira a domingo. Esse é o centro do documentário “Hilda pede contato”, de Gabriela

Greeb, que terá estreia mundial na própria Flip, na quinta-feira, às 21h30m. É o centro também de um livro homônimo, escrito pela diretora. Ambos se baseiam nas fitas deixadas por Hilda, com incríveis 100 horas de gravações das suas experiências. Cada vez menos tabu, o assunto será discutido por Gabriela e pelo diretor de som português Vasco Pimentel na mesa “Performance sonora”, quinta, às 10h.

— Acho que houve, e há ainda, muito preconceito com relação a essas experiências — diz a cineasta. — Como se fosse uma loucura dela. Inclusive, o Mora Fuentes (*amigo e pupilo da autora, fundador do Instituto Hilda Hilst, morto em 2009*) me pediu para não fazer um filme sobre isso.

“VELHA HIPPIE”, “PORRA LOUCA”
Há certo sentido na preocupação. Por causa de suas crenças, Hilda teria sido vítima de uma “boataria”, acredita Gutemberg Medeiros, um dos principais especialistas na autora. Segundo o pesquisador, que conviveu com ela nos últimos 20 anos de sua vida, criou-se uma visão folclórica de Hilda, resumindo-a a uma “velha hippie”, “porra louca” ou “doída dos cachorros” (por causa dos vários animais que tinha).

— Isso atrapalhou a percepção da obra — diz Medeiros. — Hilda

não era louca. O louco não faz o que ela fez. Era uma trabalhadora dedicada. Com a edição cuidadosa de seus livros, nos anos 1990, isso foi mudando. Hoje, o leitor está mais preocupado com texto do que com lendas e mitos.

Mas, afinal, qual é o lugar disso nos estudos sobre Hilda? Críticos, biógrafos e estudiosos continuam divididos. Há quem pense que são detalhes desimportantes, outros veem como parte indissociável da obra. Em todo o caso, é certo que a autora fez do sobrenatural um motor para a criação. Em sua agenda, previa o sucesso do dia, incluindo o trabalho, usando a numerologia. Também associava sua fase mais produtiva, em que escreveu oito peças, à visão de objetos voadores não identificados.

A busca pelo desconhecido aumentou em 1966, quando ela se mudou para a Casa do Sol, um sítio isolado em Campinas, onde viveu até sua morte, em 2004. Hoje tombado e transformado no Instituto Hilda Hilst, o lugar ainda guarda uma aura misteriosa. Lá, uma figueira — que segue de pé — ganhou a fama de realizar os desejos dos amigos da escritora. Imersa nas sensações da natureza, Hilda abria-se ao desconhecido, tinha visões e epifanias, revivendo a tradição dos grandes autores panteístas.

A fama de “mística” já corria os círculos literários, mas ganhou o grande público em 1979, quando uma reportagem no “Fantástico” revelou seu canal com os mortos. Ela apareceu gravando os sons do rádio, e distinguindo frases coerentes no que só parecia ruído. Segundo a editora e escritora Ana Lima Cecílio, que prepara uma biografia da autora para 2019, o episódio teve um impacto significativo na sua imagem.

— Deu projeção a ela, e muita gente chegou à sua obra em função da reportagem — conta Ana. — Como tudo na Hilda, esse movimento é um gesto literário e também faz parte da construção de um personagem que ela foi testando ao longo do tempo.

AO POVO CÓSMICO

“Boa noite para vocês, a experiência foi praticamente nula, eu ouço vocês de longe, mas eu não entendo nada. Obrigada. Um verso único/ Oco de fundos/ Extenso, vermelho-vivo / No túnel dos meus ouvidos: / Sempre comigo. Sempre comigo. // Um verso escuro / De folhas-pontas / De nichos / De negras grutas / A

As experiências seriam parte de uma busca muito maior, que pode ser vista em seus livros, afirma Carla Mühlhaus, estudiosa de Hilda e autora de “Nos vemos em Marduk”, que dialoga com a obra da escritora. Para ela, não se deve confundir essa busca com esoterismo barato.

— Não tem nada de ocultismo ou misticismo, é uma busca por um sentimento de mundo — diz Carla — O sobrenatural está em toda a sua obra, carregada de questões existenciais. Ela deu esse pulo no abismo. E a comunicação com os mortos faz parte do questionamento sobre o limite dos homens. Lembro a epígrafe do romance “A obscena Senhora D”: “Respiro e persigo

uma luz de outras vidas, e ainda que a janela se feche, meu pai, é certo que amanhece?”

Não é absurdo ver as gravações da autora como um gesto poético por si só. As transcrições, no livro de Gabriela, compõem um fluxo de consciência de rara beleza. Abusando das metáforas, Hilda invoca “operadores do espaço” e indaga sobre o destino de quem se foi: “Vocês, mortos, vivem?”

— Ela também usava a frase para falar das pessoas em geral, anestesiadas em suas vidinhas, e que queria despertar com um soco — conta Gabriela. — No fundo, diz que nós, vivos, parecemos mortos. Trato isso como metáfora da busca pelo leitor. E, de quebra, pela eternidade da alma. ●

língua excede seu exercício: / Sempre comigo. Sempre comigo. // Um verso-vício / Constância e nojo / Vindo de uns lagos / De malefício. // Amor partido / Torres / Poço-edifício / Um verso único num golpe nítido: / Sempre comigo. Sempre comigo. Ah eu estava lendo aqui sobre o Victor Tausk. Que vontade de falar com ele. Victor Tausk, será

que você não queria falar comigo? Meu nome é Hilda Hilst, hein? Ah, eu acho você tão extraordinário, meu deus. Vontade de ser sua amiga. Alguém aí conhece o Victor Tausk? Ele foi discípulo do Freud. Ele está no mesmo plano que vocês estão. Por favor, alguém conhece o Victor Tausk? Paulo Emilio, Lupe, Osman Lins, Clarice.”

✦ Curiosidades, novidades e mais sobre Hilda Hilst

PÁGINAS 2 A 4

✦ Leia em primeira mão inéditos de Clarice Lispector

PÁGINA 5

✦ Um papo sobre música com a lenda da guitarra Al Di Meola

PÁGINA 7

Hilda Hilst: o nosso tempo é agora

por Ana Rüsche

Vasta ventura! Muito festejada foi a escolha de Hilda Hilst como autora homenageada na 16ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). Não é segredo nenhum as reclamações da escritora por não ter recebido, em vida, o reconhecimento que sentia lhe ser devido. Após catorze anos de seu falecimento, a escritora recebe enfim homenagem de importância incontestável.

“A Flip vai abordar a Hilda total”, afirma Joselia Aguiar, jornalista, historiadora e curadora da Flip, referindo-se à diversidade de gêneros literários presente nos 28 livros de Hilst publicados em vida. “Ela fez poesia, teatro, prosa, da lírica à pornografia, tendo a questão entre o religioso e o erótico presente o tempo inteiro na obra”.

A homenagem da Flip gera interesse sem precedentes por sua obra – se nas décadas de 1990 a 2000, seus leitores eram mais amantes da poesia, da literatura de experimentação ou provenientes do meio acadêmicos, agora a obra de Hilst escancara barreiras rumo a um público mais amplo.

Muito do que contemplamos em 2018 se dá, sem dúvida, pelo trabalho incessante de amigos da escritora durante duas décadas. Maria Luiza Mendes Furia, jornalista especializada em literatura e escritora que conviveu com Hilst, enumera dois marcos:

Um marco seria a assinatura de contrato com a editora Globo, mediada pelo escritor José Luis Mora Fuentes. “A Globo, uma casa de grande porte, que publicou toda a sua obra nos anos 2000, tinha plena capacidade de distribuição dos livros pelas livrarias, assim como uma equipe para divulgá-la pelo país inteiro – o que as editoras anteriores, como Massao Ohno, Nankin e até a Siciliano não tinham”, explica Furia. O segundo marco para preservação de sua memória será a fundação do Instituto Hilda Hilst.

A atriz Luciana Domschke em cena do filme “Hilda Hilst pede contato”.

Diante de todas as iniciativas, coroadas com a homenagem na Flip, assistimos hoje não só à publicação de *Da poesia e Da prosa* pela Companhia das Letras, mas também da *graphic novel* de *A obscena senhora D*. Suas obras teatrais serão publicadas pela Coleção L&PM Pocket, em dois volumes, com apresentação de Leusa Araujo e comentário de Carlos Eduardo Zago.

No cinema, com estreia prevista para o dia 2 de agosto, “Hilda Hilst pede contato”, de Gabriela Greeb, um filme que mescla aspectos documentais com ficção (72 min., 2018), inspirado em pesquisa extensa sobre a Casa do Sol e as vivências da escritora. Greeb também lançará o livro, de nome homônimo, pela Editora SESI-SP.



**“Vi as éguas da noite entre os escombros
Da paisagem que fui. Vi sombras, elfos e ciladas.
Laços de pedra e palha entre as alfombras
E vasto, um poço engolindo meu nome e meu retrato.
Vi-as tumultuadas. Intensas.
E numa delas, insone, me vi.”**

(trecho de “Da Noite, I”)

Hilda Hilst pede contato

A criação do filme e do livro de Gabriela Greeb deu-se por um achado: numa caixa de papelão, descobriram-se mais de cem horas de gravações da própria Hilda buscando as vozes de mortos. Segundo Greeb, um tema comum das obras é a escuta: “No filme, Hilda quer ouvir a voz dos mortos, quer ouvir palavras, e por isso se põe num intenso exercício de escuta. O livro também será um exercício de escuta, pois será estruturado como uma grande partitura, a transcrição do filme, de entrevistas.” O material poderá também ser ouvido por QR Code.

A Casa do Sol é elemento vital no filme e no livro: “É bonito porque o lugar tornou-se mágico por conta de sua própria história. A casa é ao mesmo tempo o container da obra e também uma de suas obras, mais uma de suas ficções, com as histórias fantásticas que ocorreram aí dentro: visitas de mortos, discos voadores, festas, incêndios. Tudo era possível acontecer na Casa do Sol.”

**“(…) pois é sempre o isso meus queridos, cinco ou seis
pensamenteando, folhetos folhetins afrescos, sussurro no casebre,
na casinhola das ferramentas, no poço seco, e depois uma nítida
vívosa sangueira, e em seguida o quê?”**

(trecho de “Axelrod”)

Casa do Sol: rede de mel, ofício de magia

Um feito artístico de Hilda Hilst foi ter concebido a Casa do Sol. A casa não somente foi sua residência por 38 anos e de incontáveis cães, mas reuniu amigos em torno da literatura. Uma rede de mel para acolher o ofício da escrita. Habitando um polo inverso à reclusão, Hilda recebia visitas, como Caio Fernando Abreu e Lygia Fagundes Telles, cartas, livros, assinaturas de revistas, jornais. Algumas visitas, inclusive, se converteram em moradores.

Leusa Araujo, escritora, jornalista e pesquisadora que conviveu com Hilda, sublinha um cotidiano apolíneo: “A disciplina era total: Hilda escrevia bem cedo, sozinha, no quarto. Depois vinha pra sala, almoçava. Descansava e voltava a escrever. Cuidava dos cães. E às 18h, tomava um uísque e gostava de ver novelas da Globo”.

Recorda-se ainda da época que conviveu na Casa: “Hilda gostava de ouvir nossos sonhos, histórias ‘extraordinárias’ pessoais ou de família. Mas, em geral, os assuntos em relação ao que estava escrevendo eram preponderantes. Assim como o mercado editorial. Não gostava de andar e, então, sempre pegava um de nós pelo braço e íamos passear até a mangueira no quintal e sentar nos bancos de pedra”.

Maria Luiza Mendes Furia lembra “as estrelas vistas do pátio, a voz da poeta lendo seus textos, quando eu os datilografava ou quando alguém pedia, ou refletindo em voz alta sobre suas dúvidas filosóficas e espirituais numa sala em que a acústica sempre foi muito boa, o privilégio de privar de sua intimidade torna inesquecíveis os anos em que pude ser sua amiga”.

Construída em 1965, a Casa foi tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas com esforços de Daniel Fuentes. Sedia o Instituto Hilda Hilst e já recebeu mais de trezentos residentes. O espaço é aberto a visitas: www.hildahilst.com.br.

Mulheres e Hilda Hilst: porque fui tudo isso, bruxa, duende

Sem dúvida, a crescente mobilização por mais mulheres representadas na literatura fortalece a obra de Hilst, dentro de um panorama social maior de conquistas de direitos das mulheres no Brasil. A estatística da professora Regina Dalcastagnè é alarmante: de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em quinze anos, 72,7% dos autores são homens (período de 1990 a 2004).



Storyboard de Bertrand Guillou para o longa "Hilda Hilst pede contato".

Hilda Hilst surge, então, como um escudo, uma estrela. Traduzindo um sentimento comum sobre a obra de Hilst, a escritora Geruza Zelnys explica que “precisamos de escritoras ‘imortais’ para abrir caminho para nós, as escritoras vivas”. Não é à toa que duas antologias recentes de mulheres trazem Hilda como inspiração: *Blasfêneas - mulheres de palavra* (org. Marília Kubota e Rita Bittencourt) e *Senhoras obscenas* (org. Adriana Caló e Graziela Brum).

A obra de Hilst apresenta-se até como escolha apaziguadora para muitos lados, inclusive ao gosto de uma ótica conservadora, sublinhando-se que é paulista, filha de um fazendeiro de café. Hilda de Almeida Prado Hilst cursou direito no Largo São Francisco e sua escritura possui referências clássicas – europeus como Beckett, Camões, Donne, Lorca, Pessoa, Rilke e brasileiros como Drummond, Jorge de Lima, Vinicius de Moraes.

Ainda pode-se dizer que não se sentia confortável com questões feministas. Em mais de uma entrevista, marca um distanciamento da produção de mulheres: “A literatura das mulheres é sempre aquela coisa diluída, congelada, distante, sem analogias fortes, sem resistência, ao contrário dos meus textos”, declara a Vilma Arêas e Berta Waldman em 1989. Das poucas mulheres que cita, Renata Pallottini, Simone Weil e Sylvia Plath, além das místicas religiosas como Sórora Juana e Teresa de Ávila. Em sua obra, a oscilação entre erotismo e santidade poderia ser interpretada, inclusive, em uma chave de aprofundamento de sentimentos católicos.

Entretanto, devagar com o andor, “o ser humano é complexo”, alerta a própria Hilda. Hilst é uma inspiração viva às gerações atuais de escritoras, pois corporifica uma antecessora literária das gerações de agora.

Decidida, esforçada, disciplinada, com clareza ímpar das forças que a cercavam. Uma mulher com escolhas vida absolutamente incomuns. “Nasceu em 1930, mas teve, ao contrário de muitos escritores da sua geração, um comportamento bem de contracultura”, afirma Leusa Araujo. Na literatura, inverteu arquétipos, escolheu cantar o amor, a morte. Com uma potência desejante, sem hesitações ante declinações. Utilizou o recurso de vozes poéticas de mulheres, escreveu sobre fisiologia, corpo, sexo, velhice.

“Ela era uma mulher livre”, define Joselia Aguiar, “uma mulher que não se encaixava no que era se esperado, um casamento com filhos”. Pondera que, por conta de tudo o que vivemos nos últimos cinco anos, processo de redescoberta e recuperação de escritoras, haverá “uma abertura para entender estas autoras em suas especificidades”. Mesmo então uma análise feminista

poderá dar conta de compreender as particularidades de Hilda ao falar o que falava e escrever o que escrevia.

Assim, se por um lado Hilda não se identificava com escritos de mulheres de sua geração, por outro, sua literatura propõe outros papéis e possibilidades às mulheres, imaginações libertárias, uma poética do desejo. Não é de se admirar que não conseguisse se livrar de estereótipos que barravam o alcance de sua literatura. Leusa Araujo aponta: “Sem dúvida, Hilda foi tremendamente afetada pelo fato de ser mulher e por todo um anedotário em torno dela. Pude ouvir isso de editores.”

Esperta e irônica, Hilst toureou à unha preconceitos, publicando no final da vida obras pornográficas e satíricas, como se colocasse mais veneno para gerar um antídoto: a trilogia *O caderno rosa de Lory Lamby*, *Contos d'escárnio* e *Cartas de um sedutor* (1990-1991), completada por *Bufólicas* (1992), serviram de provocação, uma isca para se reparar na existência de sua obra.

“De que não cabe medida se se trata

Dessa coisa incontida que é o amor.

O coração amante se dilata. O preconceito?

Um punhado de sal num mar de águas.”

(trecho de “O poeta inventa viagem, retorno e morre de saudade, IX”)

Esplêndida altivez, a obra completa

“Na Casa do Sol, tem um relógio com os ponteiros caídos e a inscrição ‘É mais tarde do que supões’. Quando eu comecei o filme, em 2009, tinha a impressão de estar sempre atrasada ao olhar para este relógio, mas hoje, ao terminar o filme no mesmo ano da Flip, finalmente entendi a frase enigmática. Não era que eu estava atrasada, o filme ficou pronto na hora certa: eu estava adiantada, o que eu estava fazendo era algo que pertencia a um tempo futuro. Sinto o mesmo com relação à Hilda. Ela escreveu sua obra num momento em que as pessoas ainda não estavam prontas para entendê-la”.

Esta anedota de Gabriela Greeb explica com genialidade um aspecto da obra hilstiana: apenas seria compreendida muito mais à frente. Em seu tempo, Hilda Hilst sofreu por ser uma figura genial. Joselia Aguiar pondera: “a tendência é que mulheres sejam ainda mais vistas como loucas do que como geniais. As excentricidades de Hilda e sua devoção à literatura foram mal interpretadas, complementando o fato de a obra exigir uma leitura de entrega e atenção”.

Talvez agora seja a hora de emergir a escritora ativa, de bom humor, com voz bonita e empostada, cheia de paixões, anseios existenciais, descobridora de palavras fabulosas, rodeada de livros e amigos. Geruza Zelnys aconselha: “é uma mulher que nos obriga ao mergulho profundo para poder rasgar a superfície. Menos luz e mais escuros é o caminho para acessá-la.”

Hoje, às vésperas da Flip, é possível enxergar com mais clareza a obra integral de Hilda Hilst. Um legado de 28 livros, cartas, crônicas, entrevistas. Uma obra literária na qual árias e odes são invertidas rumo à expressão máxima do desejo pela linguagem, densa e clandestina. Um registro de liberdade absoluta de expressão, contrastando o divino, o pornográfico, a morte e o amor.

Uma literatura visionária, tão ao gosto dos tempos de agora. Gabriela Greeb sugere: “Hoje, acostumado à linguagem da internet, o leitor assimila com facilidade o fluxo de pensamento não linear de Hilda”. Seu encontro com leitores hoje é marcado por sua força e paixão, entregues em uma literatura performática. Segundo Zelnys, “na minha experiência, Hilda se lê em voz alta sempre”.

“É mais tarde do que supões”. Bem, parece que chegou a hora. Hilda Hilst descansa satisfeita com suas raízes e próprias proezas rumo ao futuro.

“Ama-me. É tempo ainda. Interroga-me.

E eu te direi que o nosso tempo é agora.

Esplêndida altivez, vasta ventura

Porque é mais vasto o sonho que elabora

Há tanto tempo sua própria tessitura.

Ama-me. Embora eu te pareça

Demasiado intensa. E de aspereza.

E transitória se tu me repensas.”

(trecho de “Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão, II”)

ilustrada



A atriz Luciana Inês Domschke caracterizada na Casa do Sol em cena do filme 'Hilda Hilst Pede Contato' Divulgação

Longa explora tentativas de Hilda de falar com os mortos

Base do documentário são gravações da autora feitas no período em que tentava domar angústia da finitude

Guilherme Genestreti

SÃO PAULO Ao filmar “Hilda Hilst Pede Contato”, a diretora Gabriela Greeb diz que fez pacto com o Além. “Se aparecesse um fantasma, eu pararia.” Não que tenha adiantado. Ao rodar na Casa do Sol, chácara em Campinas onde a escritora paulista morava, a cineasta viu coisas estranhas. “Rui, o lustre está se mexendo. Será que a gente filma?”, indagou ao diretor de fotografia, Rui Poças. A resposta dele: “Ninguém vai acreditar”.

O longa, que tem pré-estreia nesta quinta (26), na Flip, se serve desse tipo de matéria — ou antimatéria. A obra se de-

bruça sobre os quatro anos em que Hilda Hilst, morta em 2004, paquerou o ocultismo.

Na década de 1970, a homenageada desta edição da festa literária de Paraty gravou em fitas tentativas de falar com os mortos. Buscava uma forma de domar a própria angústia da finitude. “Só uma palavra basta”, implorava para a outra dimensão. “É que as pessoas aqui têm muito medo da morte, e preciso tranquilizá-las.”

Ao encontrar uma caixa cheia desses cassetes, no quarto de Hilda, Greeb diz que conseguiu ver o filme inteirinho.

Para acompanhar as gravações, ela despeja imagens que evocam assombrações—por-

tões envoltos em névoa, cavaleiros sem cavaleiro—, e encena o que teria sido a vida da autora no sítio, em meio às vozes.

O trabalho de som executado pelo português Vasco Pimentel (“Tabu”) incrementa o tom extraterreno. O também lusitano Poças cria imagens etéreas. “Eu disse ao Rui que precisava de um fotógrafo capaz de filmar o invisível”, conta a paulistana de 52 anos que já dirigiu uma trilogia de curtas de realismo fantástico.

Ela nem considera esse seu filme um documentário. “Porque não quero falar quem é a Hilda”, explica. “Mas disponibilizar o espaço fílmico para ela se mostrar presente.”

Nele, a realizadora conclama os antigos amigos a relembrarem a escritora, entre sorvidas no vinho e garfadas no espaguete (o único prato que, dizem, ela sabia cozinhar). Lembram da obscura senhora que, depois de ouvir com enfado a rasgação de seda de um entusiasta, propunha: “E aí, vamos foder?”.

Para Greeb, tal qual a fase pornográfica, a vereda mística foi mais um “potlatch” na vida de Hilda. O termo remete à cerimônia dos nativos americanos de dilapidar os próprios bens. “[Com a a gravação das vozes], ela pôs tudo a perder, dispôs a sua idoneidade.”

Numa das últimas gravações, já quase desistindo de conseguir contato, a escritora se queixa às almas. “Eu estou aqui como uma debiloide, e as vozes de vocês, inaudíveis.”

A diretora vê Hilda como um “quadro de Hopper”, o artista americano que costumava pintar gente solitária. “Ela era uma luz no escuro. Não posso nem falar isso que meus olhos já encham de lágrimas.”

O resultado do longa percorre a mesma senda da escritora, mas na mão inversa. “Agora é ela, morta, quem aparece para os vivos”, diz a diretora.

Terminada a montagem do filme, a autora apareceu para Greeb em um sonho, do outro

lado da linha de um telefone vermelho. “Eu dizia: ‘Hilda, a gente tem que desligar.’ Ela respondia: ‘Só se você nadar amanhã na minha piscina.’”

CRÍTICA
Hilda Hilst Pede Contato
★★★★★

Brasil, 2018. Dir.: Gabriela Greeb. 12 anos. Pré-estreia nesta quinta (26), às 21h30, no Cinema da Praça, r. Mal. Deodoro, 3, Paraty. Grátis (ingressos com uma hora de antecedência). Estreia no circuito em 2/8.

Inácio Araujo

“Hilda Hilst Pede Contato” transita entre diversos terrenos. O primeiro é do imaginário. Não seria surpreendente, pois é de uma escritora que se trata. No caso, porém, Hilst liga seu gravador e pede contato com as “almas cósmicas”.

E pede a seus intermediários que lhe tragam os amigos: Osman Lins, Clarice Lispector. Mas gostaria de conversar também com Kafka, Nikos Kazantzákis... Esse tipo de empreitada metafísica nos lança no território do fantástico. Então não existe morte. Nem o tempo. Existe a eternidade, mas não o tempo.

Ah, a trilha sonora ajuda a pensar em filme de terror, tanto quanto aqueles cachorros que ocupam a entrada de um

“

Clarice Lispector?
Aqui é Hilda.
Como está?

Wladimir Herzog, acho que não nos conhecemos. Meu nome é Hilda Hilst. Não sei se é deselegante, mas eu preciso perguntar se você foi morto ou se suicidou-se

Eu estou aqui como uma debiloide, e as vozes de vocês, inaudíveis. Feliz Natal. Acho que nunca vou conseguir uma resposta

Povo cósmico, vocês que são meus amigos. Queria falar com Kafka, com Camus...

Com quem mais?
Gravações de Hilda Hilst que aparecem no documentário de Gabriela Greeb

terreno ou ainda o passeio da câmera no jardim apontando para as copas das árvores (e remetendo, direto de “O Vampiro” de Carl Th. Dreyer).

Mais do que tudo é o ruído da fita que nos envolve: a voz de Hilda buscando contato e do outro lado... O que haverá do outro lado? Eis a questão.

O problema é que Hilda Hilst não é exatamente mística. Seus fantasmas habitam a dimensão da poesia, da escrita. Convém então convocar as almas deste mundo: os amigos e admiradores. É fatal sairmos do território do fantástico para o documentário.

Gabriela Greeb, autora do filme, se sai bem desse problema, operando a passagem por meio de uma limusine que parece transitar por dimensões diversas. A limusine carrega os amigos de Hilda como se os levasse a um velório.

Não há velório, no entanto. Ou então o velório é uma festa em que esses amigos se encontram reunidos para falar da criação, do humor de Hilda Hilst: para estar em contato com ela. Também aqui entram velhos filmes, e num deles a escritora canta — e bem.

Com dois terreiros (o da imaginação e o da documentação) bem visitados, parece sentir necessidade de justificar-se como filme de escritor. Entramos no domínio do filme de Arte, com A maiúsculo, com todas as fusões e leituras de texto a que dá direito.

É onde se torna solene. E se enfraquece. Parece se esquecer da Hilda que mostra o dedo médio para a câmera e ri.

Ou talvez tenha lembrado que para conquistar as benesses dos patrocinadores convém investir no prestígio e no pedantismo. Pelo jeito funcionou, de maneira que essa pequena incursão no mundo da facilidade não apaga o prazer que até determinado ponto esse filme tão arriscado quanto inventivo é capaz de proporcionar.

Novo cinema da Praça é a maior novidade de Paraty durante a Flip

André Barcinski

PARATY A 16ª Festa Literária de Paraty (Flip) acontece de 25 a 29 de julho. Mesmo com a crise financeira e a diminuição de verba nos últimos anos, que reduziram a estrutura do evento, a Flip ainda é a data mais importante e aguardada do ano na cidade, e Paraty se prepara para receber os

turistas.

A cada ano, cresce o número de atrações paralelas à festa. Além de espaços culturais tradicionais da cidade, como as duas unidades do Sesc, que sempre trazem programações especiais, neste ano Paraty conta com novas atrações em locais públicos e privados.

A maior delas é o Cinema da Praça, uma sala de 120 lu-

gares, localizada na Praça da Matriz. O prédio abrigou, até meados dos anos 1970, a única sala de cinema de Paraty, mas estava fechado há mais de 20 anos.

A programação na Flip é uma parceria com o canal Futura, e terá filmes educativos e debates. Em agosto, a sala terá exposições do festival Varilux de Cinema Francês. Pelos primeiros

três meses de funcionamento, a entrada será gratuita.

Outra atração que ocupa um prédio histórico da cidade é a exposição coletiva Far From Home, uma bonita coleção de quadros e esculturas de dez artistas nacionais e estrangeiros, montada dentro da capela da Igreja de Nossa Senhora das Dores, erguida em 1800 e localizada de fren-

te para a Baía de Paraty.

A exposição tem atraído muita gente interessada não só em conhecer o trabalho dos artistas, mas também em visitar a capela, que normalmente não está aberta à visitação.

Em Paraty, a arte está nos lugares mais inusitados: quem vai fazer compras no mercado Super Carlão, na entrada da cidade, se surpreende ao

ver a exposição “Gente Daqui”, com 41 retratos de moradores antigos de Paraty, feitos pelo fotógrafo italiano Giancarlo Mecarelli, morador local.

É surpreendente ver retratos de tanta beleza e sensibilidade num local normalmente decorado com anúncios de picanha e mortadela. São coisas que só acontecem na época da Flip.

Flip 2018: mesa mostra gravações de Hilda Hilst tentando falar com mortos, e cineasta diz que poeta está "vivíssima"

Debate desta quinta junto a diretora brasileira Gabriela Greb e o designer de som português Vasco Pimental, que trabalham juntos no filme Hilda Hilst pede contato.

/ - G1 / FolhaGO 26/7/2018 11:33



- Foto: A cineasta Gabriela Greb, diretora de *39;Hilda Hilst pede contato 39;*, participa da primeira mesa desta quinta-feira 26 na Flip 2018 Foto: Wal

Gravações da escritora Hilda Hilst (1930-2004) tentando conversar com mortos foram o tema da primeira mesa desta quinta-feira (26) na 16ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip).

O curioso encontro, chamado "Performance sonora", reuniu a cineasta brasileira Gabriela Greeb, para quem Hilda está "vivíssima", e o designer de som português Vasco Pimental, que trabalham juntos no filme "Hilda Hilst pede contato".

A obra, que teve trechos mostrados durante o debate e estreia em agosto, parte justamente de fitas que a autora homenageada da Flip 2018 gravou na década de 1970.

Inspirada pelo sueco Friedrich Jurgenson e seu experimento da transcomunicação instrumental, a escritora tentava alcançar as tais "vozes do além" de gente como Franz Kafka, Sigmund Freud e Clarice Lispector. O pai, a mãe e a empregada também eram "contatados".

O primeiro a falar (para um auditório com mais de 50 lugares vazios, de um total de 500) foi o simpático e carismático Vasco Pimentel, que definiu o longa como "um ato xamânico".

Para começo de conversa, ele foi logo avisando que Hilda fez "a coisa mais simples e estúpida do mundo". Isso, no sentido de que era fácil, não sem propósito. "O dispositivo – qualquer um pode fazer em casa!" Ok, mas como assim?

"Ela tinha uma mesa, um rádio com um chiado, e o rádio estava a cantar, depois tinha um microfone para ela. Mas esse microfone apanhava o som do rádio e a voz dela, e [o som disso tudo] ia para um gravador de rolo."

Hilda Hilst, então, pedia: "Falem comigo". Deixava o gravador ligado e ia dormir. No dia seguinte, ouvia o que estava lá. "Era só isso", descreveu Pimentel. "O sistema não tem nada de transcendental, quântico, nada disso. Ela chama e depois vai ouvir, só isso."

Para o designer de som, "a singularidade vem em ser a alma dela, a vontade dela, a poeta que ela é, a escutadora que ela é".

"Há uma frase do Ezra Pound, ele diz os poetas são as antenas da nossa espécie, captam a humanidade, o momento, o 'antes', o 'muito depois', o 'muito por cima', captam antes e envolvem na alquimia da palavra. Eles ouviam os mortos, porque os vivos eram uma porcaria."

Durante a mesa, Pimentel mostrou o registro de um chiado em que, em certo momento, daria para ouvir supostamente algo como "Hilda". Neste momento, Gabriela Greeb, a parceira de debate, completou: "Não é que ela ouvia frases inteiras [dos mortos]. Ela só queria comprovações".

Quando a mediadora da conversa, a jornalista Mariana Filgueiras, perguntou por que Hilda desistiu, em 1979, de tentar falar com os mortos, a cineasta respondeu:

"Porque ela foi tentando e tentando... O engraçado é que ela começou a brigar com os mortos. Vocês estão me fazendo de idiota, vocês não falam alto, estou ficando 'broxa' com essa experiência. Então, ela parou por falta de resposta".

CRÍTICA CINEMA

Assombra ção

Um ensaio envolvente sobre uma das mais importantes escritoras modernas de língua portuguesa.

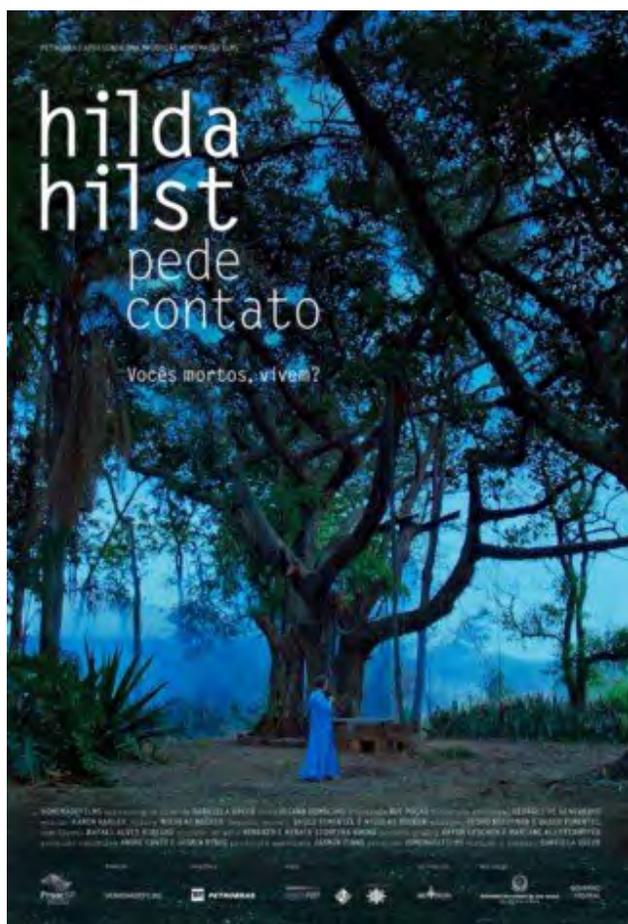
Em *streaming* no Filmin.

Jorge Mourinha

2 de Junho de 2020, 14:38

Quem vier a *Hilda Hilst Pode Contato* à espera de um documentário “tradicional” sobre uma das figuras maiores da literatura brasileira moderna sairá decepcionado — mas só a esse nível, porque no resto a cineasta Gabriela Greeb desenha um retrato impressionista da escritora falecida em 2004. Greeb recorre a conversas com amigos e íntimos de Hilda Hilst e às fitas das suas gravações de tentativas de

contacto com o além, para construir um ensaio elíptico e envolvente.



Hilda Hilst pede Contato

Documentário de Gabriela Greeb

É um filme literalmente assombrado pelo espírito da autora, por um questionamento intenso, activo, sobre o poder da palavra e o seu papel encantatório. Essa é uma das coisas que os muitos amigos da escritora reunidos (inclusive à mesa) insistem em referir: a paixão pela conversa, pela compreensão, pelas ligações entre autores tão díspares como Kierkegaard e Bataille, Kazantzakis e Joyce.

Também por isso, *Hilda Hilst Pode Contato* poderá funcionar melhor para aqueles que tiverem conhecimento prévio da obra da escritora, mais do que para aqueles que não lhe foram ainda expostos. Isso não quer dizer que “exclua” o espectador, pois ao longo da sua breve duração (70 minutos) desenha-se um retrato de Hilst como pessoa e artista, e do modo como ambas as vertentes se alimentavam mutuamente. Mas a modéstia do projecto não escamoteia o cuidado visual posto na sua encenação, com fotografia inspirada do português [Rui Poças](#) e mestre Vasco Pimentel aos comandos do som.

Hilda Hilst Pede Contato podia ser uma resposta do além aos chamamentos que Hilst lançava para o éter na Casa do Sol, a sua residência de Campinas, estado de São Paulo. Há momentos em que parecemos estar no interior de um mistério arcano de Sandro Aguilar, ou numa invocação ritual de qualquer coisa telúrica e transcendente que se substancia na palavra e na sua materialidade — “a palavra de Hilda era um cinzel esculpido além da morte”, diz um dos seus amigos. Nunca estreado em Portugal mas agora disponível na plataforma Filmin, é um filme discreto mas aventureiro.

HILDA HILST VOLTA À CASA DO SOL

LUCIANA PAREJA NORBIATO

É com uma aura fantasmática que a trajetória de Hilda Hilst será revisitada e sua imortalidade comprovada na grande tela. No longa-metragem *Hilda Hilst Pede Contato*, com estreia prevista para o começo de 2016, a escritora volta à sua Casa do Sol, chácara localizada em região isolada de Campinas. Lá, Hilst viveu de 1966 até sua morte, em 2004, escrevendo – e tentando contato com espíritos de amigos e entes queridos desencarnados. O longa é documental, mas tem inspiração surrealista na fragmentação do enredo, que faz uso de trechos ficcionais e extratos da obra da escritora, reconhecida pela crítica como uma das mais importantes de língua portuguesa.

O filme é composto de narrativas múltiplas em primeira pessoa que mesclam sua voz real, extraída das gravações em que puxava conversa com os mortos, às falas da atriz Luciana Domschke. Ela será a encarnação de Hilst na telona, interpretando trechos de entrevistas, cartas e diários. Segundo o projeto da diretora Gabriela Greeb, “o documentário repousa sobre a seguinte situação fictícia, amplamente desejada por Hilda Hilst em vida: depois de morta, ela revisita sua casa (ficção), revê amigos ainda vivos (documentário) e vislumbra cenas importantes de sua obra (literatura). Hilda revê os cães. Nesse encontro ela constata que hoje é lida por muitas pessoas, no Brasil e no mundo. Certa de sua imortalidade, ela se despede finalmente de todos nós”. O filme está sendo rodado na própria Casa do Sol, que hoje é um centro cultural. ■

CINEMA

Hilda Hilst mediúnica

» RICARDO DAEHN

Batizada, como cineasta, pela experiência com o documentário *A mochila do mascate* (sobre o cenógrafo italiano Gianni Ratto), no começo da década de 2000, a diretora Gabriela Greeb se viu mergulhada em vozes e pedidos, pelo resgate da imagem da destemida escritora Hilda Hilst (morta em 2004). Falecido há nove anos, o também artista Mora Fuentes — colaborador de peso para a autora do celebrado *A obscena senhora D* — foi quem encomendou o longa *Hilda Hilst pede contato* que, teve pré-estreia, em meio ao bochicho da abertura da Flip (Festa Literária Internacional de Paraty).

“Acho que tive que crescer para fazer este filme. Hilda é muito cruel, e eu era muito boazinha (risos).

Esperei ter mais base”, simplifica a diretora do longa que nunca se decepciona com a poesia da mulher que fundou o que se tornaria um orgânico centro de convivência literária, a Casa do Sol (em Campinas). “Com o filme, queria alcançar a presença, e não lamentar a ausência da Hilda Hilst. Tem algo na vida dela que remete a um quadro do Hopper (Edward, morto em 1967, e famoso pelos registros de seres solitários).

Conexão espiritual

Com estreia prevista para quinta-feira, nos cinemas, *Hilda Hilst pede contato* está muito distante de demarcar uma cinebiografia. “Vou fazer um filme de simples Google?! Eu não! Qualquer pesquisa superficial sobre a Hilda pode ser feita, em meia hora

de internet”, comenta Gabriela Greeb. Não houve espaço para lamúrias, entre editais vencidos “e uns outros tantos perdidos”. Num paralelo, a realização da fita conversa com o objeto examinado: entre 1974 e nos cinco anos seguintes, Hilst alimentou certa obsessão: animada pela matriz das *conversas* do sueco Friedrich Jurgenson com os mortos, Hilda Hilst quis se apartar da solidão vivenciada na Casa do Sol, conclamando a presença de outros artistas como ela, porém mortos.

O experimento — que leva, por vezes, Hilda a se achar “uma debilóide” — teve um naco materializado, pela atenção dispendida por Gabriela Greeb, que nos traz imagens encenadas de Hilda (interpretada por Luciana Domschke), mas a partir da voz real da escritora. Imagens sonoras foi um dos

Imovision/Divulgação



Imagem poética do filme *Hilda Hilst pede contato*: conversa com os mortos

conceitos buscados por Greeb. “Tentei mostrar coisas nada fáceis de serem vistas, em imagens. Minha ideia foi revelar a imagem das palavras. Achei todas as fitas, com a voz de Hilda Hilst, que totalizavam 100 horas. Encontrei, tratei o áudio, e elas foram digitalizadas, além de transcritas. Todas as falas

da atriz (dona de mímica labial) obedecem ao ritmo da Hilda”, explica a diretora.

Respiros, suspiros e decepções de Hilda Hilst demarcam boa parte sonora do longa. Hilda, até aparece em cena, entoando música americana. Sua alma em nada decai, no filme da paulista Gabriela

Greeb, que diz ter se amparado no poema *Da morte Odes mínimas*. Libertária, libertina e incisiva, Hilst parece reviver. “Não se trata da importância que ela teve, mas da que está tendo. O discurso dela tem reverberado. A voz de Hilda demorou tanto tempo para se projetar, mas tem ressoado”, conclui.

hilda, muito além

Imagens de *Hilda Hilst Pede Contato*, filme que parte das gravações feitas pela escritora na Casa do Sol na tentativa de se comunicar com os mortos

fotografia do filme **Rui Poças**



Hilda Hilst Pede Contato é o longa-metragem da diretora Gabriela Greeb que acaba de ser concluído.

Mistura de documentário, ficção e literatura, o filme partiu de mais de cem horas de gravação que Hilda Hilst fez na década de 1970 tentando se comunicar com os mortos.

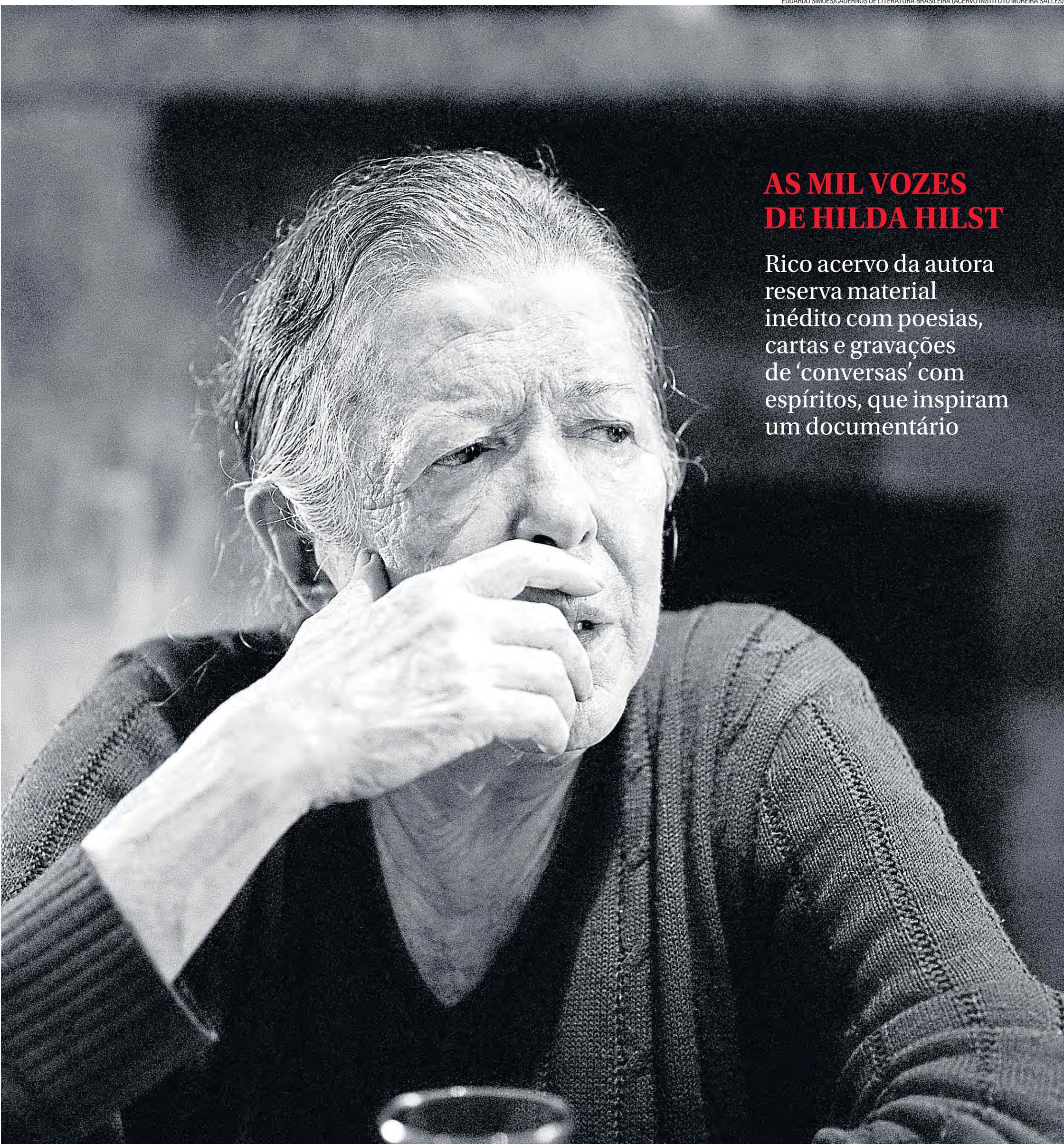
Era da sua casa em Campinas, a Casa do Sol, que a escritora registrava sons e possíveis contatos com o além.

Esse detalhe é apenas o pretexto para o filme, que parte dessa faceta mística e da discussão sobre a finitude da vida (presentes na obra de Hilda) para falar da escuta, como nos conta a diretora: "Hilda era uma mulher do diálogo, ela queria ouvir o outro. No filme, essa busca de diálogo com os mortos é uma metáfora que se refere à busca de leitores. Hilda morreu antes de ser lida pelo grande público".

Hilda Hilst Pede Contato é na verdade um mergulho na produção desta que foi uma das maiores escritoras brasileiras.

O longa estreia em 30 de julho nos cinemas.



A black and white close-up photograph of an elderly woman, Hilda Hilst, with her hand resting on her chin in a contemplative pose. Her hair is short and grey, and her face shows signs of age with wrinkles. She is wearing a dark, textured knit sweater. The background is dark and out of focus.

**AS MIL VOZES
DE HILDA HILST**

Rico acervo da autora reserva material inédito com poesias, cartas e gravações de 'conversas' com espíritos, que inspiram um documentário

EXPERIÊNCIAS
EXPÕEM RELAÇÃO
DA AUTORA
COM O OCULTO

Uma obra em contato

Documentário em fase de finalização usa gravações deixadas por Hilda Hilst na Casa do Sol como pista para compreender sua vida, seus escritos e sua inconformidade com a morte

BOLÍVAR TORRES

bolivar.correal@oglobo.com.br

Construída por Hilda Hilst há cinquenta anos nos arredores de Campinas, a Casa do Sol se mantém como uma espécie de arquivo orgânico da obra da escritora, poeta e dramaturga, morta em 2004. Planejada nos mínimos detalhes como um espaço de criação, a grande residência se confunde com a sua vida e a sua obra. De lá, não param de sair surpresas. Facetas raras da autora, como poemas infantojuvenis e outros em línguas estrangeiras, acabam de ser descobertas e podem aparecer em livro em breve. Entre os achados, está ainda uma correspondência inédita com o artista plástico Mora Fuentes, amigo e responsável pela criação do Instituto Hilda Hilst, com previsão de publicação até o final do ano pela Editora Biblioteca Azul — que acaba de lançar “Pornô chic”, reunião dos escritos eróticos da escritora, e publicará no segundo semestre uma edição com sua poesia completa. Mas o acervo reserva um outro segredo, pista indispensável para compreender o quebra-cabeça hilstiano. São suas misteriosas “conversas” com vozes do além, registradas em mais de 100 horas de gravações, que estarão no centro do documentário “Hilda Hilst pede contato”.

Nos anos 70, depois de ter se mudado para a Casa do Sol, Hilda começou a gravar sinais de rádio tentando se comunicar com amigos e parentes mortos, fenômeno conhecido como transcomunicação instrumental. Ela seguia os experimentos do cientista suíço Friedrich Jurgenson, que explorava o “ruído branco”, chiado eletromagnético emitido no espaço entre duas estações de rádio. Hilda acreditava que esse som abafado escondia vozes de entidades incorpóreas. “Contato, contato, Hilda querendo saber de seus amigos da outra dimensão”, dirigia-se a escritora aos espíritos, esperando por uma resposta que chegava em palavras inaudíveis para a grande maioria das pessoas, mas suficientemente claras para ela.

PACTUAÇÃO COM O CÓSMICO

A cineasta Gabriela Greeb adquiriu o direito dessas gravações e as transformou no leitmotiv de seu documentário, em fase de finalização. A voz de Hilda é o fio condutor da narrativa, que usa imagens raras do arquivo pessoal da autora, encontradas em cinquenta rolos inéditos de película Super 8 com registros de situações cotidianas na Casa do Sol, e algumas cenas ficcionais realizadas dentro da moradia com a atriz Luciana Domschke (no papel de Hilda). Elemento importantel do filme, o trabalho de som ficou a cargo do premiado francês Nicolas Becker, de filmes como “Gravidade” e “Batman begins”. Já a fotografia é assinada pelo português Rui Poças, que trabalhou no longa “Tabu”, de Miguel Gomes.

— A questão das fitas é o argumento para abordar a vida e a obra de Hilda, mais do que um tema em si — explica Gabriela. — É como se o filme todo estivesse gravado nestas fitas, uma realidade que se repete, em círculos, a casa e suas histórias. Na verdade, tudo passa pela Casa do Sol, que se transforma num receptáculo de sons. A ideia é inverter esta situação original das gravações: aqui seria Hilda, já imortalizada, que busca contato com os vivos. Este dispositivo permite que o filme seja narrado na primeira pessoa, na voz da poeta.

Para a cineasta, Hilda tinha “uma necessidade gigante” de comunicação; como vivia isolada na Casa do Sol, com poucos leitores, optou por comunicar-se com os espíritos.

— Ela não se conformava com a morte; desde criança, não entendia como era possível que as coisas morressem, terminassem — lembra Gabriela. — Hilda buscava comprovar de maneira científica a imortalidade da alma. Passou a estudar física quan-



Receptáculo de sons. Cena do documentário filmado na Casa do Sol, com a atriz Luciana Domschke no papel da escritora. Abaixo, a diretora Gabriela Greeb com o rolo das fitas



FERNANDO DONASCI

“

Desde criança, Hilda não entendia como era possível que as coisas morressem.

GABRIELA GREEB

Diretora do documentário “Hilda Hilst pede contato”

tica no final de sua vida, ficou muito amiga do físico Mario Schenberg, com o qual passava horas discorrendo sobre temas como “luz interdita”, entre outros assuntos. Estava se preparando para ir para Marduk, planeta para onde, segundo ela, iam alguns mortos, aqueles que haviam constituído uma alma.

Em uma reportagem do “Fantástico” de 1979, Hilda abriu sua casa e mostrou suas experiências para o programa. Pela primeira vez, parte de suas gravações vieram a público — e voltaram ao esquecimento desde então. Pelo menos na reportagem, o conteúdo das fitas está longe de mostrar algo conclusivo; é provável que a exibição em um programa de grande audiência, em horário nobre, tenha aumentado ainda mais a fama de “louca” e “hermética” da autora junto ao público. Na entrevista, Hilda admite que nem mesmo alguns de seus amigos físicos levavam a sério a sua obsessão pelas vozes.

— O que a Hilda diz durante o contato com os mortos é o mais interessante, pois as vozes respondem apenas “sim”, “hildinha”, ou pequenas coisas que realmente nunca sabemos se são elas que dizem ou se somos nós que ouvimos — especula Gabriela. — Esse espaço ínfimo e infinito entre o que uma pessoa fala e o que a outra pessoa ouve. O filme se localiza neste espaço, talvez. O imaginário, a literatura.

O fascínio pelo oculto é um fator essencial na obra de Hilda. A visão de uma bola de fogo em 1967, e de vários discos voadores nos anos seguintes, serviram como um catalizador de sua escrita (segundo um de seus amigos, especialista em OVNI, as aparições a teriam “energizado”). “Sinto que tenho uma afinidade, uma vontade de pactuação com algo que eu desconheço, mas que faz parte do cósmico”, disse ela, em uma entrevista de 1986. “Eu acho que o meu caminho é sempre esse, o desejo

de me irmanar com o inatingível para ver se descubro o sentido do que é existir”. Um vislumbre de sua relação com o inatingível também está nas trocas de cartas com Mora Fuentes. Batizada como “Cartas aos pósteros” e nunca antes publicada, a correspondência é uma das novidades preparadas pela Biblioteca Azul em 2015.

— Hilda e Mora escreviam pensando mais no leitor do que numa forma de comunicação entre eles — diz a editora Ana Lima Cecílio. — Parece um desenvolvimento de um novo gênero, um pouco como a Hilda fez nas entrevistas: criar um personagem, desenvolver uma linguagem própria para as cartas, que não é nem a da poesia, nem a da prosa, nem a do teatro.

As novidades não param por aí, já que o Instituto Hilda Hilst, responsável pela preservação da Casa do Sol, começou em janeiro um inventário do arquivo, que prevê o cadastramento, a higienização e a digitalização de textos, entrevistas e imagens. Segundo Daniel Fuentes, filho de Mora e presidente do instituto, obras valiosas deverão vir à tona. Em prosa, ele destaca a descoberta de trechos de prosa datilografados que se assemelham a um diário. Já na poesia, há versos para o público infantojuvenil (um deles escrito para o próprio Daniel Fuentes), improváveis poemas em inglês e alemão, e ainda paródias de outros poetas, como Adélia Prado e Ferreira Gullar.

— São poemas que ela escreveu para gozar outros poetas — detalha Fuentes. — É um trabalho fenomenal de linguagem, e engraçadíssimo. ●



NA WEB

VIDEO

oglobo.com/cultura/livros

Ouçã gravações inéditas das

experiências de Hilda Hilst com os espíritos



MULTI
Ao lado, Hilda Hilst em foto de seu acervo pessoal, tirada na década de 1950. Na foto menor, um de seus desenhos, feito em 1971. Abaixo, duas cenas de *Hilda Hilst Pede Contato*, filme de Gabriela Greeb, em produção, e realizado na Casa do Sol, em Campinas



A VOLTA DE HILDA HILST

Dois filmes, uma exposição de desenhos, um livro e os 50 anos de sua casa de produção criativa promovem revisitação à obra da escritora por Jurandy Valença

SE ESTIVESSE VIVA, Hilda Hilst (1930–2004), do alto de seus 85 anos, teria muitos motivos para comemorar. No ano em que celebra o cinquentenário da construção da Casa do Sol, atual sede do Instituto Hilda Hilst, em Campinas, projetos envolvendo o nome da autora paulista não param de surgir. No momento, dois filmes sobre ela estão em produção. Usando arquivos pessoais de som e imagem, entrevistas, encontros e intervenções ficcionais, o longa *Hilda Hilst Pede Contato*, com previsão de estreia em 2016, tem roteiro e direção da paulistana Gabriela Greeb. A cineasta, do premiado *A Mochila do Mascate* – Gianni Ratto, reuniu um time estrelado para sua produção. O *storyboard* é de Bertrand Guillou, desenhista francês que foi colaborador de Moebius; a direção de fotografia é de Rui Poças, português que ganhou notoriedade com *Tabu*; e o desenho sonoro é de Nicolas Becker, francês que trabalhou em *Gravidade*. Hilda é interpretada pela atriz Luciana Inês Domschke, que participou das peças *As Bacantes* e *Os Sertões*, do Teatro Oficina. O outro filme, da atriz Tainá Muller (ainda sem título), está em fase de pesquisa, e as filmagens devem começar no ano que vem. A direção será de Walter Carvalho, e o argumento é de Daniel Galera. O escritor e roteirista Marçal Aquino também está envolvido no projeto. Tainá, que interpretará Hilda jovem, comprou os direitos do longa-metragem e está empolgada com o desafio. “Ainda estamos trabalhando o roteiro, mas um dos possíveis recortes é apresentar Hilda antes da mudança para a Casa do Sol, na década de 1960.”



Em breve, o público descobrirá, em uma exposição, uma faceta desconhecida da escritora, poeta, dramaturga e cronista: a de desenhista. Ela manteve uma estreita aproximação não só com as artes visuais, mas com vários artistas com quem conviveu desde a década de 1950. Entre eles, Darcy Penteado, Wesley Duke Lee, Anesia Pacheco e Chaves, Jaguar, Mil-lôr Fernandes e Renina Katz, que criaram capas ou ilustrações para seus livros. Hilda realizou uma série de aquarelas e desenhos entre as décadas de 1970 e 1980. Grande parte (cerca de 150 deles) encontra-se abrigada no Centro de Documentação Alexandre Eulálio, na Unicamp, em Campinas. A cor principal escolhida por Hilda era o azul da tinta da caneta Bic que ela usava para anotar, rascunhar e escrever, ações que estavam intimamente ligadas ao ato de desenhar.

Essa “volta” de Hilda Hilst à pauta ganhará ainda o livro *Cartas aos Pós-teros*, correspondências inéditas entre ela e o espanhol José Luis Mora Fuentes, escritor e melhor amigo, que será lançado em 2016. O volume sai pela Editora Globo, que vem reeditando a obra completa de Hilda. □

A VIDA SECRETA DE Hilda Hilst

DEZ ANOS APÓS A MORTE DA ESCRITORA, CINEASTA RECUPERA DOCUMENTOS E GRAVAÇÕES INÉDITAS QUE CONTAM PASSAGENS DE SUA VIDA, MANTIDAS EM SIGILO, COMO A PAIXÃO PELO JORNALISTA JÚLIO DE MESQUITA NETO

Ana Weiss

Hilda Hilst era uma mulher brava. Quando criança, uma das primeiras alunas do Colégio Santa Marcelina, em São Paulo, desistiu do projeto de ser santa – uma das primeiras “profissões” que lhe ocorreu abraçar – quando uma das freiras mandou que ela baixasse a cabeça para ouvir o sermão.

“Só baixo os olhos diante de Deus”, respondeu. Em repesália, perdeu para sempre o papel de Chapeuzinho Vermelho, e passou, a partir dali, a interpretar o papel do vilão da história nos espetáculos de fim de ano da escola religiosa. Hilda passou a viver o Lobo Mau.

Faz dez anos que a autora de “Rútilo Nada”, prêmio Jabuti de 1994, morreu. Centenas de páginas de diários, fitas gravadas, rolos de filme Super-8, cartas e histórias como esta, contadas durante esfumaçadas noites em torno de sua mesa, permaneceram sob os cuidados de seu melhor amigo, o escritor José Luiz Mora Fuentes. Um ano antes de morrer, em 2009, Mora Fuentes convidou a cineasta Gabriela Greeb para realizar um documentário sobre a Casa do Sol, morada da escritora em Campinas, interior paulista, desde 1966, e hoje instituto cultural com seu nome. “Contato, Hilda Hilst Pedir Contato” deve sair este ano do forno. O título do filme é uma referência às tentativas de comunicação da escritora com amigos, parentes e ídolos mortos. A cineasta chegou a viver na casa de alguns

deles durante a fase de pesquisa, levantando mais de 100 horas inéditas de gravações.

DESOBEDIENTE
A autora durante a infância. Estudante de um internato de freiras, era boa aluna, mas não gostava dos sermões

Gabriela mostrou o material para ISTOÉ. As experiências registram tentativas de contato da escritora com gente como o escritor Caio Fernando Abreu, que viveu na Casa do Sol em 1968, após ser detido e depois liberado pelo Dops. Foi lá, aliás, que o autor e jornalista gaúcho, morto em 1996, escreveu “Inventário do Irremediável”, importante conjunto de textos de resistência cultural do período mais grave da censura no País. Em outras falas, ouve-se uma Hilda preocupada com as injustiças do Brasil, como quando pede contato com Vladimir Herzog, para descobrir seu assassino e provar que sua morte não tinha sido suicídio. Em outros momentos, a voz é de uma mulher saudosa dos pais. Há também reflexões sobre

deles durante a fase de pesquisa, levantando mais de 100 horas inéditas de gravações.

O ANO HILDA HILST

Além do documentário, eventos e livros lembram a autora

COMUNIDADE Abaixo, Hilda Hilst (a terceira da dir. para a esq., de pé) com os amigos Caio Fernando Abreu (o segundo da esq. para a dir.) e Lygia Fagundes Telles (a segunda da esq. para a dir., sentada) na Casa do Sol (ao lado)



suas influências literárias: “Kafka, você está me ouvindo? Não deve ser fácil aí do outro lado.”

É que, além de brava, Hilda era uma mulher amorosa. Apaixonou-se pela humanidade da literatura, que a fez deixar uma vida social invejável para viver no silêncio de um sítio onde podia ter todos os seus livros e se dedicar ao ofício do qual nunca conseguiu se manter inteiramente. **Sempre orbitada por pessoas interessadas em seu trabalho, recebia com braços abertos e um bom vinho do Porto, recomendação médica, dizia – uma garrafa no almoço, era a medida para uma entrevista.**

A Casa do Sol estava sempre cheia. Muitos escritores e artistas passavam meses ou às vezes anos dividindo o teto e os cuidados da proprietária com os quase 150 cachorros que vivem lá até hoje. “E muitos deixaram documentações da rotina, como o artista plástico Jurandy Valença, outro dos grandes amigos da escritora”, conta Gabriela, que só conseguiu chegar até a fase de produção graças a um prêmio de R\$ 600 mil da Petro-

bras e R\$ 100 mil do próprio bolso – o orçamento original era de R\$ 1,6 milhão.

Amigos, cachorros e também os homens povoam a história da escritora, que falava palavrão e publicava textos obscenos belíssimos e de uma ironia cortante. Hilda teve muitos. Os únicos que quis e não teve foram Júlio de Mesquita Neto, antigo dono do jornal “O Estado de São Paulo” – com quem se correspondeu, conviveu e para quem dedicou, em segredo, o livro “Júbilo, Memória e Noviciado da Paixão” – e Marlon Brando. Em “Fico Besta Quando me Entendem”, compilação de entrevistas organizadas pelo jornalista Cristiano Diniz, ela conta que namorou Dean Martin só para conhecer Brando. E como o namorado demorava a apresentá-los, bebeu bastante, subornou o porteiro do hotel e bateu na porta do quarto onde o ator estava hospedado. Ele recebeu a escritora num “belo robe de seda” e, com muita educação, perguntou: “Só porque você é bonita acha que pode acordar um homem a essa hora da noite?” Sem baixar os olhos, Hilda deu meia-volta e foi embora. ■

A Obscena Senhora D
Montagem será apresentada ao lado de “Matamoros” e da coreografia “Rútilo Nada”

Fico Besta Quando Me Entendem
Volume reúne entrevistas e desenhos inéditos da autora encontrados em sua residência em Campinas, hoje Instituto Hilda Hilst

Bufólicas
A Globo Livros relança a obra da autora como “Bufólicas” (ao lado) e prepara para o segundo semestre livro com a correspondência trocada entre Hilda e José Luis Mora Fuentes de 1968 a 1990



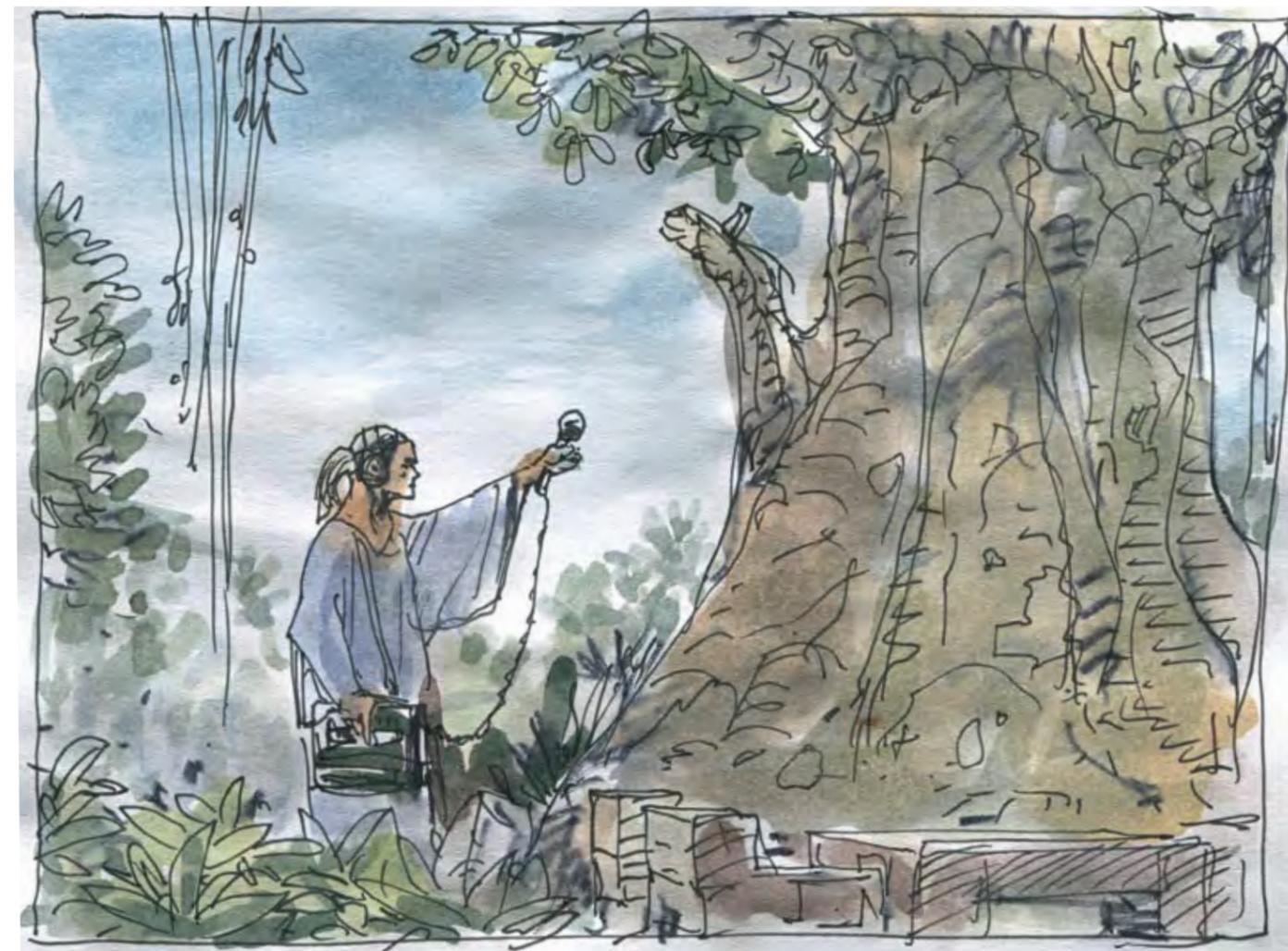
No filme *Contato Hilda Hilst Pede Contato*, a memória e a presença da escritora em sua Casa do Sol serão resgatadas e recriadas por meio de arquivos pessoais de som e imagem

62

NA MESA COM HILDA

Desde que foi tombada pelo Patrimônio Histórico, em 2011, a Casa do Sol está aberta à visitação pública, com agendamento prévio. Desavisados do espírito livre da dona da casa, há visitantes que chegam em busca de um ambiente museológico. Mas, em vez de cordas de isolamento ou vitrines expositivas, encontram uma casa em funcionamento, com fogão aceso, cachorros se espreguiçando, gente lendo e escrevendo. A ficcionista, cronista, dramaturga e poeta Hilda Hilst (1930-2004) construiu a Casa do Sol em

1965, para ser um espaço de inspiração, criação artística e estudos da alma. Lá ela escreveu toda sua obra dramaturgica, viveu com amigos e mais de cem cães. Quem hoje visitar o Instituto Hilda Hilst encontrará uma biblioteca com 3 mil livros, móveis, roupas, manuscritos, fitas super-8 e gravações em áudio. Encontrará também seus amigos e seus cães ainda vivendo lá. Além do acervo, a Casa do Sol abriga, desde 2011, projetos de Residência Criativa e de Teatro. Criado pelo artista e curador Jurandy Valença – que conheceu a escritora em 1990, manteve



63

com ela uma colaboração próxima e viveu com ela –, o projeto de residências dá continuidade ao projeto de vida de HH. “A casa sempre ofereceu residências. Todos nós somos residentes”, diz a artista Olga Bilenky, outra amiga de Hilda Hilst que hoje habita e cuida da casa. “Hilda queria que a casa se mantivesse aberta às vivências”, diz ela.

Residentes temporários ou permanentes, cerca de 60 pessoas passaram pela Casa do Sol nesses três anos. Desde que foi convidada pelo escritor espanhol José Luiz Mora Fuentes, amigo mais próximo de HH, para realizar um documentário biográfico sobre a escritora, a cineasta Gabriela Greeb tornou-se uma “residente itinerante”. Há cinco anos Greeb está vinculada à Casa, pesquisando seus acervos para a realização do filme *Contato Hilda Hilst Pede Contato*. “Quando encontrei a voz dela gravada nas fitas, decidi que a narrativa do filme seria em primeira pessoa”, conta.

O filme revela-se um projeto muito mais vivencial do que documental. Pretende resgatar a memória e a presença de Hilda Hilst em seu cotidiano, por meio dos arquivos pessoais de som e imagem, de intervenções ficcionais, de entrevistas e encontros promovidos na mesa de jantar da Casa do Sol. Interpretada pela atriz Luciana Domschke, a escritora reaparece em sua casa e busca interagir com os convidados – amigos íntimos, como a escritora Lygia Fagundes Telles. “O grande tema da obra de HH é a imortalidade da alma”, diz Greeb. “No filme, a Casa do Sol é a morada de quatro tempos e realidades distintas: o tempo da ficção, o tempo documental, o tempo literário e a realidade atemporal, a eternidade, o espírito da coisa, que é a própria casa e toda sua subjetividade”, diz ela. O filme tem previsão de ser rodado e finalizado em 2014, quando se completam dez anos da morte da escritora. ■

Na página à esquerda, o jardim da Casa do Sol; acima, desenho do storyboard do filme *Contato Hilda Hilst Pede Contato*, realizado por Bertrand Guillou, colaborador da diretora Gabriela Greeb

ve temer o
dos EUA,
r em Wa-
o Amaral.
a que não
o em mas-
0 mil bra-
s, pois is-
us empre-

JORGE

com
lhe
Trump

r um ho-
omo trata
postura de
relação a
ca dúvida
nas um su-
educado e

ILUSTRADA
Entrevista
iné dita de Hilda
Hilst é achada
por cineasta c1

Sala de Memória Casa do Sol/Acervo Instituto Hilda Hilst/Divulgação



**A escritora,
morta em 2004**

Fa

a

No to

Um ter
fessores
das esco
das do p
disciplin
têm for
Outros
entre a á
lados e

Os da
lar de 20
pelo Toc

ilustrada

ESSA VOZ TAMANHA

Herdeiro de Hilda Hilst localiza entrevista inédita da autora, dada em 1978 a seu melhor amigo

A escritora Hilda Hilst (1930-2004)

Sua de Memória Casa do Sol/Arquivo Instituto Hilda Hilst/Arquivo

MAURÍCIO MEIRELES
DE SÃO PAULO

A voz de Hilda Hilst (1930-2004) estava perdida logo ali, no meio das vozes dos fantasmas — gravações que a escritora fazia de madrugada, pedindo algum contato da outra dimensão (há quem jure que, em uma delas, dá para ouvir uma alma penada dizendo “Hildinhaaaa...”).

A maior parte dos arquivos de áudio guardados na Casa do Sol, sítio em Campinas onde a autora vivia, é dessas “conversas” com espíritos — mas não é que lá no meio havia uma entrevista inédita da escritora? Agora é a voz grave de Hilst que parece vir de outra dimensão.

A descoberta foi feita durante a pesquisa para documentário de Gabriela Greb sobre a escritora — previsto para setembro — e entregue a Daniel Fuentes, herdeiro da autora. A fita, gravada em 1978, é uma entrevista feita pelo artista José Luis Mora Fuentes, pai de Daniel e melhor amigo de Hilst.

A descoberta veio a calhar, porque o herdeiro prepara uma caixa sobre a amizade do pai com Hilst, para enviar aos assinantes de um clube que criou (hildahilst.com.br/clube), para os quais periodicamente manda preciosidades deixadas pela escritora.

Talvez por falar a um interlocutor tão íntimo, a entrevista não traz Hilda Hilst encenando alguma excentricidade. A autora fala da obsessão pela imagem do pai, a mudança para a Casa do Sol, a busca de uma linguagem própria, entre outros assuntos. A seguir, uma versão editada da conversa dos dois.

★

Os rostos do escritor

Essa coisa de entrevista fica uma coisa muito difícil. Todos os rostos que [o escritor] se colocou, todos os rostos que possa ter, ele já traduziu escrevendo. Ele nunca dirá [nada] tão bem quanto na sua obra. Numa entrevista, querem saber o que exatamente?

Penso assim: vou mostrando todos os rostos possíveis de terem vida, se disserem e terem realidade — ao fazer isso, procuro me aproximar do rosto de todos os outros. Mas são sempre os mil rostos, as mil caras desse que escreve.

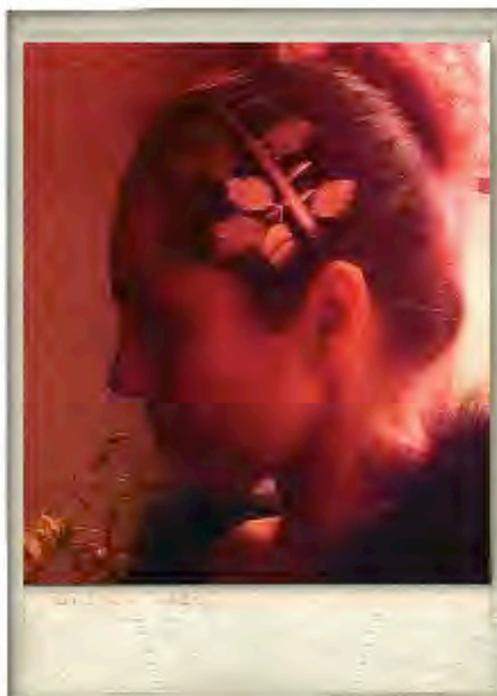
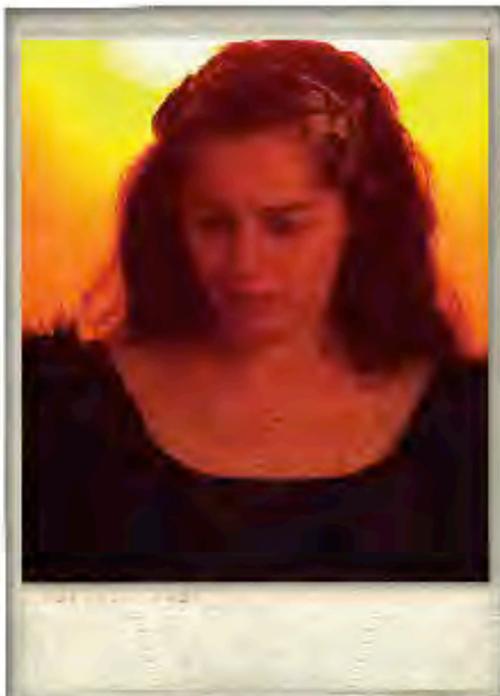
A esquizofrenia do pai

É sempre difícil falar no que realmente fez você escrever. Você não sabe dizer o que fez que você irrompesse como escritor. Mas tenho uma certeza dentro de mim: uma grande motivação foi todo o desejo de sentir, ver, tocar e pretender me aproximar desse homem que foi meu pai.

A vida toda ouvi falar dele sem realmente poder vê-lo, porque meu pai adoeceu quando eu tinha três anos. Só o conheci aos 16, mas já muitíssimo doente, esquizofrênico, paranoico, num sanatório. Vi aquele rosto que eu conhecia das fotografias.

[Havia um amigo dele] que dizia para mim coisas impressionantes: que meu pai foi a cabeça mais lúcida que ele havia conhecido.

» LEIA MAIS na pág. C3



UM TESÃO DE FILME

POR JEFF ARES FOTOS TATA AMARAL.

GISELA DOMSCHKE E LILIAN AMARANTE

Gabriela Greeb tem Hilda Hilst pela frente. Autora, diretora e produtora de trabalhos audiovisuais, Gabriela filmará um documentário sobre a poeta, ficcionista, dramaturga. Duas mulheres se encontram, sem ao menos se conhecer. Hilda morreu em 2004. Gabriela espera vê-la. "Vou trazê-la", propõe. Uma atriz interpretará a escritora. Toda a ação vai se passar na Casa do Sol, a morada em que a escritora, célebre pela liberdade com que tratava o sexo, se isolou do mundo, para trabalhar, no fim dos anos 60. "Um monastério", define Gabriela. Três dias antes deste texto, a casa, em Campinas, foi tombada pelo Patrimônio Histórico. "Fiquei até arrepiada, é um sinal de que eu devo começar a falar", divide a cineasta, que aceitou o convite feito pelo último amor de Hilda, José Luiz Mora Fuentes. Ele assistiu ao doc que Gabriela fez sobre Gianni Ratto e pediu: "Quero um filme assim pra ela, um filme de arte, não um filme clássico". Fuentes morreu. Gabriela segue, "lidando com este caminho da morte e da vida", como o seu objeto de pesquisa, mulher que "acreditava na física quântica, em várias vidas... Em sua arrebatadora poesia há sempre a busca de Deus, o amor pelo divino, o entendimento da morte". Gabriela tem pela frente um material inédito em Super 8, gravações fantasmagóricas e um tesão incontornável, que vai explodir numa "equação cinematográfica de realismo fantástico". Um orgasmo, a experimentar. **RG**

PRIMEIRAS HISTÓRIAS

GABRIELA GREEB

ELA SE FORMOU EM FILOSOFIA, FOI SE DESCOBRIR NA EUROPA, ONDE VIVEU 12 ANOS, E VOLTOU AO BRASIL PARA MONTAR SUA PRODUTORA DE FILMES INDEPENDENTE

Foi num set de filmagem em Barcelona, Espanha, sentada ao lado de figurões do cinema hollywoodiano, que Gabriela Greeb, de 45 anos, decidiu que era hora de investir na carreira. “Eles conversavam em inglês e eu não entendia patavina. Fiz minhas malas e fui estudar em Londres”, lembra. Lá, ela frequentou como ouvinte a The London Film School, uma das mais cobijadas escolas de cinema do mundo, e fez bico como roteirista, continuísta, assistente de edição e assistente de fotografia. Três anos depois, decidiu que era hora de aprender francês e seguiu rumo a Paris, onde começou fazer curtas. O primeiro deles, *Le Baiser*, passou em mais de 300 cinemas na França. O segundo curta, *L'illusion*, ganhou prêmio de melhor filme das mãos de Ken Russell em um festival francês. “Nessa noite dancei uma valsa com John Malkovich. Parecia um sonho.” Ela voltou ao Brasil e em 2004 fundou a Home Made Films, uma produtora baseada em São Paulo. “O pensamento transfigurado em estética é a base de meus filmes”, diz Gabriela, filósofa de formação. Depois de ficar em cartaz em todo o Brasil com seu longa sobre a história de Gianni Ratto, a cineasta se prepara para escrever o roteiro de seu novo projeto, um filme-exposição sobre a vida de Hilda Hilst, uma das maiores e mais polêmicas escritoras brasileiras. “Saí do Brasil com 100 dólares no bolso e fui para Barcelona. Voltei 12 anos depois falando quatro idiomas e com uma profissão. E minha história está só começando”, diz Gabriela.

POR GISELA SEKEFF

FOTO JOENE KNAUS

